

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ALEXANDRE MOREIRA DA SILVA

**ORIXÁS DO BATUQUE E ENTIDADES DE QUIMBANDA QUE SE MANIFESTAM
EM MÉDIUNS DO GÊNERO OPOSTO: O POSICIONAMENTO DE ADEPTOS DE
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA EM BAGÉ/RS**

BAGÉ

2022

ALEXANDRE MOREIRA DA SILVA

**ORIXÁS DO BATUQUE E ENTIDADES DE QUIMBANDA QUE SE MANIFESTAM
EM MÉDIUNS DO GÊNERO OPOSTO: O POSICIONAMENTO DE ADEPTOS DE
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA EM BAGÉ/RS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras Português e
Literaturas de Língua Portuguesa da
Universidade do Pampa como requisito parcial
para obtenção do Título de Licenciado em Letras
- Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Santos da Silva

**BAGÉ
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).



d838o da Silva, Alexandre Moreira
ORIXÁS DO BATUQUE E ENTIDADES DE QUIMBANDA QUE SE
MANIFESTAM EM MÉDIUNS DO GÊNERO OPOSTO: O
POSICIONAMENTO DE ADEPTOS DE RELIGIÕES DE MATRIZ
AFRICANA EM BAGÉ/RS / Alexandre Moreira da Silva.
61 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --
Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2022.
"Orientação: Thiago Santos da Silva".

1. Religião de Matriz Africana. 2. Identidade
sexual. 3. Gênero. I. Título.





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Universidade Federal do Pampa

ALEXANDRE MOREIRA DA SILVA

**ORIXÁS DO BATUQUE E ENTIDADES DE QUIMBANDA QUE SE
MANIFESTAM EM MÉDIUNS DO GÊNERO OPOSTO: O POSICIONAMENTO
DE ADEPTOS DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA EM BAGÉ/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras-Português.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 18 de março de 2022.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Thiago Santos da Silva
Orientador
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm
(UNIPAMPA)

Prof. Me. Luís César Rodrigues Jacinto
(SEDUC/RS)



Assinado eletronicamente por **THIAGO SANTOS DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/03/2022, às 18:43, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/03/2022, às 19:10, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Luis César Rodrigues Jacinto, Usuário Externo**, em 22/03/2022, às 07:18, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0760508** e o código CRC **CF21E143**.

Referência: Processo nº 23100.004905/2022-40 SEI nº 0760508

AGRADECIMENTOS

A Deus e a meus Guias espirituais, que sempre me conduziram nessa trajetória e que me deram forças quando já não havia mais.

A meus pais, Diene de Fatima da Silva Moreira e Vilmar Ávila da Silva, por sempre acreditarem em mim, mesmo quando eu já duvidava de mim mesmo durante essa caminhada. Ambos são meus maiores exemplos de vida e é com muito prazer que lhes dedico esse trabalho.

A minha namorada, Jayne Pedroso, por sempre me incentivar, ter paciência comigo, ser minha companheira, nunca ter me deixado desistir e por permanecer ao meu lado em inúmeras noites sem dormir.

Aos meus amigos que fiz durante o percurso, e que pretendo levar para a vida toda além da faculdade, Rafael Xavier (Sepé), Felipe Carbonell, Mariana Girard, Rosana Rodrigues, Rosiane Gonçalves, Marcelo Nalério, Alisson Martin e Renata Caon, obrigado pelos inúmeros conselhos, puxões de orelha, risadas que compartilhamos nessa trajetória desafiadora de vida acadêmica a vocês só gratidão.

E os amigos de estrada, Ana Paula Alves, João Lemos, Olma Lima e Kevin Fabiano não poderia esquecer-los, porque de modo me ajudaram direta e indiretamente, e a meu pai de santo, Israel Pedroso pelas inúmeras conversas e ensinamentos que me proporcionou.

Professor Thiago Santos, gostaria de expressar minha gratidão por ser meu orientador, pois mesmo sua rotina na universidade já está sobrecarregada, aceitou ser meu orientador, apenas em escutar um início de frase e querer construir comigo um final, gostaria de agradecer o apoio contínuo ao meu estudo, por ter paciência, me motivar e sem falar do seu imenso conhecimento.

Eu não poderia imaginar ter um orientador melhor para a minha pesquisa. E para finalizar não poderia deixar de parabenizar todos os professores e professoras, que tiveram paciência, pela experiência transmitida, e o apoio e por saberem transmitir o seu saber com profissionalismo.

Posso dizer que foi um prazer inenarrável conhecer e aprender mais com cada um de vocês.

EPÍGRAFE

PRECE DE CÁRITAS

*Deus, nosso Pai, que tendes Poder e Bondade,
dai a força àquele que passa pela provação,
dai a luz aquele que procura a verdade,
ponde no coração do homem a compaixão e a caridade.*

*DEUS! Dai ao viajor a estrela guia,
ao aflito a consolação, ao doente o repouso.*

*Pai! Dai ao culpado o arrependimento,
ao Espírito a verdade, à criança o guia,
ao órfão o pai.*

*Senhor! Que Vossa bondade se estenda sobre tudo que criastes.
Piedade, Senhor, para aqueles que Vos não conhecem,
esperança para aqueles que sofrem.*

*Que a Vossa bondade permita aos Espíritos consoladores,
derramarem por toda parte a paz, a esperança e a fé.*

*DEUS! Um raio, uma faísca do Vosso amor, pode abrasar a Terra;
deixai-nos beber na fonte dessa bondade fecunda e infinita,
e todas as lágrimas secarão, todas as dores acalmarão.*

*Um só coração, um só pensamento subirá até Vós,
como um grito de reconhecimento e de amor.*

Como Moisés sobre a montanha, nós

Vos esperamos com os braços abertos,

oh! Bondade, oh! Beleza, oh! Perfeição,

e queremos de algum modo alcançar a Vossa misericórdia.

*DEUS! Dai-nos a força de ajudar o progresso, a fim de subirmos até Vós,
dai-nos a caridade pura, dai-nos a fé e a razão;*

*dai-nos a simplicidade que fará de nossas almas o espelho onde se refletirá a Vossa Santíssima
Imagem.*

Assim é, e assim será!

*Esta prece foi psicografada em França pela médium “Madame W. Krell” durante a noite de Natal 25
de dezembro de 1873, ditada pelo Espírito Cáritas.*

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como foco principal analisar e refletir sobre o posicionamento dos adeptos sobre gênero e identidade sexual nas religiões de matriz africana na cidade de Bagé, RS. A escolha por esse assunto surgiu quando percebemos que a religião africana além de sofrer preconceitos externos ainda acaba sofrendo o preconceito interno pelos próprios praticantes por não terem o conhecimento se a entidade interfere ou não na sexualidade do médium. A partir disso tivemos a iniciativa de abordar esse tema e fazer uma pesquisa de campo. Para que isso acontecesse, partimos do mesmo ponto até mesmo para as pessoas que estão de fora da religião entenderem um pouco mais e tirarem suas dúvidas. Com isso, realizamos uma breve contextualização sobre a religião de matriz africana e para buscar esses resultados, nos aprofundamos em duas linhas dentro da religião de matriz africana: a linha de Batuque e a da Quimbanda. Logo em seguida foi feito um questionário com praticantes para analisar as escolhas linguísticas a respeito de gênero e identidade sexual, assim, estudamos como os adeptos de religião abordam essa situação e refletimos sobre, portanto, entender de onde surge esse preconceito e como ele se dá dentro dos terreiros na linha de Quimbanda e Batuque. Propomos um estudo de campo com praticantes de diferentes níveis de iniciação religiosa: a) o pai de santo, b) o praticante em desenvolvimento pronto em uma das linhas de Batuque ou Quimbanda e c) o praticante iniciante. Diferentes perspectivas sobre o tema que trarão ao trabalho diferentes contribuições para podermos responder adequadamente nossa questão problema. Portanto, concluímos que os pais de santo (sacerdotes) têm consciência que o preconceito em receber a entidade do gênero oposto é algo que ocorre em suas casas. Os praticantes em desenvolvimento, foram bastante diretos e sucintos, mas foi possível detectar que não veem problema algum, visto que ambos recebem entidades do gênero oposto, porém no decorrer das análises realizadas é perceptível que havia um receio por parte dos iniciantes, pois estavam conhecendo a religião de matriz africana.

Palavras-chave: Religião de Matriz Africana; Identidade sexual; Gênero.

RESUMEN

El presente trabajo de conclusión de curso tiene como perspectiva principal investigar y mostrar sobre el posicionamiento de los adeptos sobre el género e identidad sexual en las religiones de matrices africanas en la ciudad de Bagé RS. La elección por este tema surgió cuando nos dimos cuenta que la religión africana además de sufrir preconcepción externa todavía termina sintiendo el preconcepción interna por los propios practicantes por no tener conocimiento si la entidad interfiere o no en la sexualidad del médium. A partir de ese tuvimos la iniciativa de plantear este tema y hacer un tema investigación. Para que eso transcurriese nos fuimos desde el mismo punto hasta mismo para las personas que están fuera de la religión comprender un poco más y sacaren sus dudas. Por esa razón, realizamos una breve contextualización sobre la religión de matrices africanas y para buscar estos resultados profundamos más en dos líneas dentro de la religión de matrices africanas; la línea de tamborileando y de la chimbada. Luego enseguida, fue hecho un cuestionario con practicantes para analizar las elecciones lingüísticas a cerca del género e identidad sexual, así, estudiamos con los adeptos de la religión abordan esta situación y reflexionamos. Por lo tanto, entender de dónde viene este preconcepción como se lleva dentro de dos terreros en la línea de los tamborileando y de la chimbada nos proponemos una investigación con practicantes de distintos niveles de iniciación religiosa: a) el padre del santo b) el practicante en desenvolvimiento pronto en una de las líneas del de tamborileando y de la chimbada y c) el practicante iniciante distintas perspectivas sobre el tema que traerá el trabajo distintas contribuciones para responder adecuadamente nuestra pregunta problema. Por lo tanto, concluimos que los padres de santo (sacerdotes) tiene conciencia que el preconcepción es recibir la entidad de género opuesto es algo que ocurre en sus casas. El practicante en desenvolvimiento, fueron bastantes directos y sucintos, mas fue posible detectar que no ven problema algún ya que ambos reciben entidades del género opuesto aunque en el transcurrir del análisis realizada es perceptible que había un miedo por parte de los iniciantes porque estaban conociendo la región de matrices africanas.

Palabras claves: Religión de Matices Africana; Identidad sexual ; Género.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – **Orixás do Batuque**

Figura 2 – **Exus e Pomba giras de Quimbanda**

Figura 3 – **Concepção Tridimensional do Discurso**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 OS CULTOS DE MATRIZ AFRICANA NO RIO GRANDE DO SUL: AS RELIGIÕES AFRO-GAÚCHAS	16
2.1 Os Orixás no Batuque.....	17
2.2 As entidades na Quimbanda	21
2.3 O gênero e sexualidade no Batuque e na Quimbanda.....	22
2.3.1 As relações de gênero e de sexualidade no Batuque.....	24
2.3.2 As relações de gênero e sexualidade na Quimbanda.....	25
3 REFERENCIAL TEÓRICO: A ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA.....	26
4 METODOLOGIA.....	28
5 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE LINGUÍSTICA SOBRE OS RESULTADOS.....	30
5.1 Análise dos praticantes iniciantes.....	30
5.2 Análise praticantes prontos.....	34
5.3 Análise praticantes Pais de Santo.....	35
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICES.....	45

1 INTRODUÇÃO

Na maioria das pessoas, existe uma necessidade de crer em algo. Não em algo material, mas sim algo ou alguém em que se possa acreditar. Crer em algo superior a nós, que seja capaz de nos amparar e dar forças, alguém que esteja de olho e nos protegendo do mal é algo pretendido pelas religiões em geral, seja católica, evangélica, judaica, espírita, entre outras.

Essa mesma necessidade pode também ser encontrada nas chamadas religiões de matriz africana.¹ No Batuque, por exemplo, que é uma religião originária do continente africano, os orixás são divindades com grandes poderes e domínios sobre os elementos da natureza, sendo representados tanto na forma masculina quanto na feminina.

Ao nascer, cada pessoa é regida por um ou mais orixás, que são protetores de suas vidas. Sobre essa relação entre seres humanos e orixás, a cosmovisão religiosa africana esclarece que

os iorubás acreditam que homens e mulheres descendem dos orixás, não tendo, pois, uma origem única e comum, como no cristianismo. Cada um herda do orixá de que provem suas marcas e características, propensões e desejos, tudo que está relatado nos mitos. [...] Os orixás alegram-se e sofrem, vencem e perdem, conquistam e são conquistados, amam e odeiam. Os humanos são apenas cópias esmaecidas dos orixás dos quais descendem (PRANDI, 2001, p. 24).

Nas religiões de matriz africana praticadas em diáspora, principalmente nas realizadas no contexto da região sul do país, existe a chamada “linha cruzada”, que é composta por três linhas, sendo elas, Umbanda, Quimbanda e Batuque, cada uma possuindo práticas ritualísticas específicas e lidando com diferentes divindades espirituais. No Batuque, cultuam-se os orixás, que são seres considerados forças da natureza, possuindo histórias míticas. Na Umbanda e Quimbanda, por sua vez, são cultuados espíritos de pessoas que viveram na Terra e, após suas mortes, passaram a auxiliar os encarnados com finalidade de desenvolvimento espiritual. Sobre essas diferentes linhas, que possuem especificidades, Rodolpho (2004) esclarece que

e essas três manifestações particulares oriundas da tradição afro-brasileira se organizam de diferentes maneiras segundo a região e formam um panorama marcado por essa tradição. Esses lugares particulares de identificação se chamam “linhas” Linha de batuque ou Nação, linha de Umbanda e linha de Quimbanda (ou ainda linha de Exus). Esse termo é igualmente utilizado no interior da umbanda para especificar as entidades que nela se organizam, como, a linha do Oriente que agrega as entidades de origem cigana. (RODOLPHO, 2004, p. 36).

¹ Religiões de matriz africana é um termo utilizado, no Brasil, para se referir às religiões que se desenvolveram a partir do processo de vinda dos povos escravizados do continente africano.

Nas três linhas, todos os seres cultuados são representados por divindades que podem ser homens ou mulheres. Na Umbanda, existem caboclos masculinos (Caboclo Tupinambá, Caboclo Sete Flechas, Caboclo Pena Branca) e caboclas femininas (Cabocla Jurema, Cabocla Janira, Cabocla Jacira), pretos velhos (Pai Francisco, Pai Joaquim, Pai João Bosco) e pretas velhas (Mãe Quitéria, Mãe Benedita, Mãe Maria) e Cosme, as crianças, (Damião, Doum, Mariazinha, Belinha). Na Quimbanda, temos exus (entidades masculinas que atuam como guardiões de pessoas lugares, tais como (Exu Maré, Exu do Lodo, Exu Tiriri), pomba giras (entidades que atuam como versão feminina dos exus, tais como (Pomba gira da Praia, Pomba gira Mulambo, Pomba gira Maria Padilha), ciganos (Cigano Vladimir, Cigano Pablo, Cigano Boris) e ciganas (Cigana Esmeralda, Cigana Aurora, Cigana Alzira). No Batuque, há os orixás masculinos (Bará, Ogum, Xangô, Ibeji, Odé, Ossanha, Xapanã, Oxalá) e as orixás femininas (Iansã, Otim, Obá, Oxum, Iemanjá) (DORNELES, 2017. p.59).

A ocupação no batuque é a manifestação de um Orixá, de um ser encantado, já a incorporação na umbanda é um trabalho de um guia espiritual em um médium. Como já visto, tanto na umbanda, quimbanda e batuque, existem entidades do gênero masculino e feminino. No decorrer do desenvolvimento do médium pode se manifestar tanto um caboclo quanto uma cabocla, um preto velho ou uma preta velha, ou ainda um exu como uma pomba gira.... o médium não escolhe qual entidade receber são as entidades que escolhem os médiuns, então cada pessoa pode desenvolver com entidade tanto masculina quanto feminina.

A partir de minha vivência, tendo início como praticante de Quimbanda, Umbanda e Batuque, fui desenvolvendo-me e percebendo que, dentro do ambiente religioso de matriz africana, existe o receio e resistência, principalmente por parte dos homens, em aceitarem a chegada de uma divindade feminina, uma pomba gira ou um orixá do gênero feminino, em seus corpos como médiuns. Muitos deles parecem considerar que tal desenvolvimento mediúnico os tornaria afeminados e temem também o julgamento pelos irmãos de fé. Com base nessa situação, propus a seguinte questão de pesquisa: Qual o posicionamento de praticantes de religiões de matriz africana sobre médiuns que manifestam orixás e entidades do gênero oposto?

Procura-se, portanto, entender se esse posicionamento revela algum tipo de preconceito e como ele se dá nos centros religiosos. Para isso, esta pesquisa se centra nas linhas de Quimbanda e Batuque, por meio do estudo de campo com praticantes de diferentes níveis de iniciação

religiosa: a) pai de santo (sacerdote), b) praticante em desenvolvimento pronto² na linha de Quimbanda ou Batuque e c) o praticante iniciante. Todos apresentam diferentes perspectivas sobre o tema que trazem ao trabalho diferentes contribuições para podermos responder adequadamente nossa questão problema. Nesse sentido, a motivação em abordar um possível preconceito de gênero e de identidade sexual nos cultos de religiões de origem africana na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, surgiu após perceber que, além de sofrer preconceito externo, como a intolerância religiosa, essas práticas litúrgicas podem acabar também sofrendo um preconceito internamente, de seus próprios adeptos.

Para desenvolver esse estudo, temos como foco as linhas de Batuque e de Quimbanda. No Batuque, os cultos são destinados aos orixás e, na Quimbanda, trabalha-se diretamente com exus e pomba giras. Como já dito anteriormente, quando nascemos, somos escolhidos por um determinado orixá e, a partir daquele momento, é ele quem nos acompanhará ao longo da vida. Na concepção do Batuque, o orixá é puro, o que herdamos do orixá são algumas características de personalidade, pois ele rege a vida da pessoa, mostra o caminho a ser seguido. Já no caso da Quimbanda, exu e pomba gira, que são espíritos de pessoas que já viveram nesta terra, são as entidades que mais se assemelham a nós, são espíritos em evolução e trabalham no corpo dos médiuns, exatamente para isso, evoluir e nos fazer evoluir.

Acredito que essa pesquisa se justifica, tanto no âmbito pessoal quanto no religioso, proporcionando uma troca de pensamentos e experiências. Pode ainda acrescentar para a sociedade, que dia após dia vem quebrando tabus, a intolerância religiosa que surge com o desconhecido sobre o outro. Obviamente, com este estudo, não acredito que vá fazer da sociedade em geral praticante, porém, ao se discutir academicamente o assunto, se contribui para uma realidade mais respeitosa e talvez menos julgadora. Além disso, este trabalho poderá acrescentar também em minha vida profissional como futuro professor, que ainda espero que tenhamos um convívio social mais respeitoso e menos preconceituoso.

O objetivo geral, portanto, deste trabalho é refletir e analisar posicionamentos de adeptos de religiões de matriz africana na cidade de Bagé, RS sobre a manifestação de orixás e entidades em médiuns do gênero oposto. Dentre os objetivos específicos temos: contextualizar as religiões de matriz africana em Bagé, Rio Grande do Sul, nas linhas de Batuque e de Quimbanda, bem como realizar um questionário com praticantes para analisar as escolhas linguísticas a respeito de gênero

² Para ser pronto, o praticante necessita realizar uma série de obrigações com a sacralização de animais, começando com galos e galinhas... e com o tempo passando para cabritos e cabritas... uma pessoa considerada pronto ainda não é pai de santo por geralmente não ter casa aberta e nem filhos religiosos.

e identidade sexual (sacerdotes, praticantes em desenvolvimento pronto em linha de Quimbanda ou Batuque e iniciantes) por fim, analisar as respostas dos questionários para entender como a prática religiosa constrói tais posicionamentos.

O trabalho aqui realizado se organiza da seguinte forma: em um primeiro momento, falaremos sobre os cultos de matriz africana a fim de situar o leitor na religiosidade brasileira de origem africana, entender como esses cultos se organizam para poder melhor compreender as questões trazidas neste trabalho. Em outro momento, discutiremos o referencial teórico do trabalho, com a finalidade de trazer autores que realizam importantes reflexões sobre as questões que pautamos aqui. No intuito de nos dar norte aos caminhos de pesquisa e análise de resultados. Posteriormente, falaremos sobre como esse trabalho foi metodologicamente pensado e realizado, quais os passos e métodos escolhidos para a realização do trabalho. Após isso, explicitamos os resultados e dados da pesquisa e suas intercorrências, como tudo, de fato, procedeu. Por fim, vêm as considerações finais acerca de todo trabalho realizado.

2 OS CULTOS DE MATRIZ AFRICANA NO RIO GRANDE DO SUL: AS RELIGIÕES AFRO-GAÚCHAS

Durante todo o processo de colonização portuguesa no Brasil, por meados dos séculos XVI e XVIII houve a escravização dos povos africanos e indígenas, negros retirados de suas terras, obrigados a “servir” em prol da economia do Brasil. A religiosidade durante o Brasil Colônia foi dominada pela igreja Católica, que por sua vez reuniu grande número de seguidores, porém com a vinda do povo africano, suas cerimônias, crenças e modos de cultuar diferentes marcaram sua resistência contra cristãos. Alguns senhores enxergavam as festas negras como momentos propícios para a organização de revoltas, de modo que as temiam e buscavam regulá-las de perto; outros senhores compartilhavam opiniões diferentes, pensando que a festa negra era um momento de quebra momentânea na dura rotina do cativo, devendo por isso mesmo ser tolerada, até mesmo como recurso para evitar rebeliões (Aladrén, 2016. p.123).

A cultura milenar de diversas etnias africanas foi violada, em diferentes aspectos, sobrevivendo mediante um profundo processo de adaptação e luta, que passou a ser travada pelos africanos escravizados por sua própria existência. (COSTA, 2020. p.12).

A religião africana é marcada por resistência e desde o seu início, sempre foi julgada, por seus costumes e seus modos de cultuar diferentes. Esse julgamento se origina não só com pessoas de fora, mas também com a religião predominante, pois, do contrário, não haveria tanta repulsa e ódio em nome do ser superior, Olorum (Deus).

Sobre essa relação de assimetria entre as religiões, Silva (2010) pontua que “a busca pela autenticidade ou pureza dos cultos encontrará sempre uma verdade datada, ou seja, relativa a uma época histórica e ao predomínio ou hegemonia de determinados grupos, famílias ou linhagens no comando político de cada povo em sua região” (p. 137). Nesse sentido, o que é alvo de preconceito e intolerância religiosa é a evolução histórica da nossa religião, que está registrada nos cantos, nas danças, nos rituais, na língua, desde os tempos de escravatura.

Como já dito na seção introdutória, existem três tipos de religiões afros cultuadas no Rio Grande do Sul: Umbanda, Quimbanda e Batuque, que serão explicadas no decorrer deste trabalho. Esses cultos, apesar de parecerem a mesma coisa para quem está fora, são bastantes distintos, como pontua Speroni (2018), “os praticantes diferenciam corretamente como práticas distintas. O culto

a orixás pertence ao Batuque, o culto a Caboclos e Pretos velhos à Umbanda e a Linha Cruzada cultua exus e pomba giras” (p.39).

Segundo o estudo de Oro (2012), o batuque no Rio Grande do Sul surgiu no século XIX com a chegada dos escravizados, e é cultuado em templos, ditos “casa de Batuque”. Essas casas são organizadas e lideradas cada uma por um pai ou mãe de santo. No Batuque, o praticante é regido por dois orixás que guiarão sua vida, um responsável pelo seu corpo e outro pelo seu *orí* (cabeça), esse último sendo chamado de orixá (pai/mãe) da cabeça, o qual protege seus filhos e a quem são feitas oferendas e homenagens. Os orixás são divindades, alguns tiveram sua vida na terra, em tempos originários, e outros se tornaram orixás por seus feitos e pela sabedoria no decorrer de suas vidas.

Já a Quimbanda, segundo Oro (2012), no Rio Grande do Sul iniciou em 1960 e é realizada nos chamados terreiros de linha cruzada. Diferentemente do Batuque, na Quimbanda, são cultuados espíritos de pessoas que já estiveram na terra. Esses espíritos, que são chamados de entidades, são os exus e as pomba giras, os quais ajudam na nossa evolução terrena. Exus são espíritos de homens que andaram sobre a terra no passado e já se encontram desencarnados. Esses são entidades que auxiliam e conduzem as energias mais mundanas para realizar trabalhos espirituais. As pomba giras são exatamente as mesmas que os exus, porém são espíritos de mulheres desencarnadas.

2.1 Os orixás no Batuque

O Batuque do Rio Grande do Sul, distribui-se entre variadas nações, pois o Batuque, divide-se em “lados” ou “nações”, as principais são: Oyó, Jeje, Ijexá, Cabinda e Nagô.

No Batuque são cultuados, de modo geral, 12 orixás, que formam o panteão africano. Esses orixás possuem características psicológicas específicas, as quais são herdadas por seu/sua filho/filha de cabeça. O panteão é formado pelas seguintes divindades, sendo essa ordem parte da ritualística da religião: Bará, Ogum, Oyá-Iansã, Xangô, Ibeji, Odé/Otim, Obá, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá, Oxalá. A Figura 1 traz a representação de alguns dos orixás do Batuque do Rio Grande do Sul, à esquerda: Ogum, Xapanã Belujá e Ossanha. No centro: Oxalá. E na direita: Xangô, Xapanã Sapatá e Oxum. Apresentamos abaixo as características predominantes de cada um, conforme Speroni (2018).

Figura 1 – Orixás do Batuque



Fonte: Templo de Umbanda Jorge da Capadócia (2015).

O culto, no Batuque, é feito exclusivamente aos orixás, não existindo uma hierarquia que determina qual é melhor do que outro, mas a crença de que um completa o outro.

o Batuque é a vertente religiosa que abrange mais características da cultura africana, e que compõe a tríade das chamadas religiões afro-gaúchas, juntamente com a Umbanda, que seria a religião “mais brasileira”, desenvolvendo um misto da cultura afro e indígena. (SPERONI, 2018. p.40).

Dentre os orixás que compõem o panteão, Bará é o primeiro orixá a ser cultuado, dono das chaves, da movimentação, do mercado e das encruzilhadas, responsável pela abertura dos trabalhos, para os negócios e a vida. A ele se recorre, quando o objetivo é destrancar os caminhos e abrir as portas ou trancar e fechar, dependendo do merecimento e do cumprimento de tarefas pelo responsável. Bará é o mensageiro dos orixás e conhecido pelo orixá da sensualidade. Sua saudação é: *Alupo!*, que significa “abre as portas do meu caminho”.

O segundo orixá é Ogum, deus da guerra, da lei e da disciplina da demanda. É um grande cavaleiro, sendo representado sempre empunhando sua espada. Dono do trabalho, do metal e da agricultura é protetor dos trabalhadores. É o responsável por armar e fornecer todas as ferramentas para os demais orixás. Irmão de Bará, também é dono dos caminhos, das estradas e dos trilhos de ferro por onde passam os trens. Protege a porta de entrada das casas e templos. É senhor dos exércitos, das armas de corte e das armas bélicas. Protetor da polícia, dos soldados, militares, ferreiros e agricultores. O símbolo são ferramentas em geral, espada, bigorna, martelo, ferradura. Sua saudação é: *Ogum Yê!*, que significa “salve o cortador de cabeças”.

A terceira orixá é Oyá, deusa dos ventos, dos raios e das tempestades, também chamada de Iansã, nome recebido de seu marido Xangô, que faz referências ao entardecer. É uma mulher guerreira, radiante, linda. Deusa da espada, mas também dona das paixões. É irrequieta, autoritária, sensual, disputa pelo ser amado, possuindo um temperamento muito forte, podendo ser dominadora e impetuosa. Iansã é a responsável pelos ancestrais, guia dos espíritos, orixá do fogo. Como orientadora dos mortos, carrega consigo o eruxin, espécie de chicote feito com rabo de boi ou cavalo, utilizado para impor respeito perante os espíritos desencarnados. Seu símbolo é a espada, a taça, a aliança. Sua saudação é: *Eparrei!*, que significa “Salve o raio, Iansã”.

O quarto orixá é Xangô, deus da justiça, do equilíbrio, dono das pedras, tem o poder de controlar os raios e trovões. É um orixá poderoso, considerado rei em todas as nações. Seu arquétipo mostra a capacidade de organização, possui habilidade no trato das relações humanas, governos, progresso cultural e social. Tomando decisões com sabedoria, ponderadas e corretas, é o orixá que decide sobre o bem e o mal. Sua característica é nascer do poder e morrer em nome do poder. Tudo que se refere a estudos, documentos trancados pertencem a xangô. Seu símbolo é a balança, machado com duas lâminas e o livro. Sua saudação é: *Kaô Kabecilê!*, que significa “Permita-me vê-lo, Majestade”.

Os quintos orixás são os gêmeos infantis Ibeji, que são deuses crianças que viviam para se divertir. São protetores das crianças, estando correlacionados ao princípio da atualidade e de tudo que vai nascer, brotar e criar. São as divindades das brincadeiras e da alegria. Sua regência está ligada à infância. Seu símbolo são bicos, balões, brinquedos e mamadeiras. Sua saudação é: *Bejiróó! Oni Beijada!*, que significa “Ele é dois”.

Os sextos orixás também são uma dupla, Odé/Otim. São orixás da fartura, da caça e que vivem na floresta, sendo também responsáveis pelos animais, pelos frutos. Por ser o orixá da fartura, Odé é o encarregado por trazer o alimento para as nossas casas. Suas principais características são a rapidez, astúcia, sabedoria e o jeito ardiloso para faturar sua caça, regem também as lavouras, os plantios, permitindo boas colheitas, Odé (homem) e Otim (mulher) são inseparáveis, sendo seu símbolo o arco e flecha e. Sua saudação é: *Oke bambo!*, que significa “Salve o grande caçador”.

A sétima orixá é Obá, guerreira e de grande força, é a rainha do Rio Níger (o principal rio da África Ocidental e o terceiro mais longo de toda África). Não possui uma das orelhas, por tê-la colocado em um amalá, alimento preferido de seu esposo Xangô. Está sempre com espada e escudo na mão, pronta para lutar pelo que acredita e defende. As mulheres que buscam por força e proteção

podem recorrer a essa orixá, pois ela é a mãe que entende as dores do coração e sempre está disposta a ajudar. Ela comanda a desilusão amorosa, sentimento de perda, ciúmes, e a incapacidade do ser humano em ter aquilo que ama e deseja. Embora a lenda diga que a orixá Obá é uma guerreira, vencedora, ela consegue seu encantamento nas desilusões e frustrações, na derrota. Sua saudação é: Obá Siré! (Rainha Poderosa).

O oitavo orixá é Ossanha, dono das plantas medicinais. Todas as ervas, chás, folhas e vegetação pertencem a ele, é quem libera a propriedade mágica das folhas nos rituais dos orixás, dividindo com Xapanã o axé sobre a saúde física e é considerado orixá médico. Por possuir o segredo de todas as folhas, é o encarregado pela cura das doenças. As pessoas com defeitos físicos nas pernas e pés, ou que não possuem uma das pernas, quase sempre estão ligadas de alguma forma a esse orixá, pois ele se apresenta sem uma das pernas, seja simbolicamente, assim como em transe. Dança sempre com uma das pernas encolhidas como se não a possuísse. O seu símbolo é dono das folhas, protetor de doenças internas, pernas e ossos. Sua saudação é: *Ewé Ó!*, que significa “Salve as folhas”.

O nono orixá é Xapanã, senhor da saúde e das doenças, pois tanto pode produzi-las, como curá-las. No Candomblé, é também conhecido como Obaluaiê ou Omulu. É o rei das profundezas da terra. Cobre o seu rosto com palha da costa, porque fica proibido de mostra-lo para os humanos, devido à deformação feita pela sua doença de pele e pelo respeito que se deve ao orixá. Ele e Iansã são responsáveis pelos cemitérios, pois é o orixá que é o emissário de Oxalá no princípio ativo da morte. Sua saudação é *Abawo!*, que significa “peço quietude, meu pai”.

A décima orixá é Oxum, protótipo da beleza e da meiguice, dona das cachoeiras, mãe das águas doces e dona do ouro, pois seu nome dá origem ao rio que corre na região nigeriana de Ijexá e Ijebu, Oxum é a rainha do Ijexá. Oxum responde pela prosperidade, pela riqueza, pelo desenvolvimento da criança, ainda no ventre materno. Ela exerce grande influência na raça humana, principalmente no comportamento teimoso, manhoso, na esperteza maquiavélica de cada um. É ciumenta e chorosa, tem como símbolo o espelho, o leque e o ouro. Sua saudação é: *Ora ie iê ô!*, que significa “Olha por nós, mãezinha”.

A décima primeira orixá é Iemanjá, a mãe de todos os orixás, responsável por gerar o movimento das águas e protetora da vida. Deusa da pérola, protetora dos pescadores e marinheiros. Senhora dos lares, que traz paz e harmonia para toda a família, é considerada a orixá do pensamento. Por este motivo, recorreremos a ela para solucionar problemas de depressão e de

instabilidade emocional. Sua saudação é: *Odojá* ou *Odocyabá*, que significa “Salve a Senhora das águas”.

O décimo segundo orixá é Oxalá, pai de todos os orixás e mortais. Oxalá é o mais respeitado orixá nas nações africanas, pois a paz e a harmonia espiritual são as características deste que é o criador e Administrador do Universo. É o orixá da compreensão e da amizade, entendimento e dos maus entendidos. Ele é o pai da brancura, por isso, essa cor simboliza a paz e a transparência, embora na religião e cultos afro-brasileiros o branco tenha a ver também com a morte, pois é esse orixá que também determina o fim da vida. Sua saudação é: *Epa babá!*, que significa “Oxalá meu Pai/ Obrigado, pai”.

Como é possível notar, a partir dos arquétipos acima apresentados

na religião começamos com Exú ou Bará, que representa o início de tudo, a roda da vida, portanto se Oxalá termina ele é o Orixá que comanda o fim da vida. Devemos encarar a ocorrência da morte como um fator natural, assim como os demais assuntos que fazem parte da natureza, tudo tem um início e um fim. Entendemos que a regência desta força é determinada pela energia que é chamada de Oxalá. Ele é o princípio do fim da vida. (SPERONI, 2018. p.66).

Esses são os doze orixás cultuados no Batuque com seu arquétipo e simbologias. As descrições apresentadas são dos orixás em sua forma “genérica”, mas é necessário ressaltar que cada pessoa tem o seu orixá que é único.

2.2 As entidades na Quimbanda

Na Quimbanda, existem linhas de rituais em terreiros, de modo que cada linha é composta por 7 exus e uma pomba gira representante. Tanto exu quanto pomba gira vem à terra por meio de incorporação nos praticantes durante os rituais no terreiro.

Exu e pomba gira, que são espíritos de pessoas que já viveram nesta Terra, são os que mais se assemelham a nós, são espíritos em evolução e trabalham no corpo dos médiuns, exatamente para isso, evoluir e nos fazer evoluir. A Figura 2 é uma representação de algumas entidades da Quimbanda (exus e pomba giras) que atuam na linha de almas, ou seja, trabalham no cemitério.

Figura 2 – Exus e Pomba-giras de Quimbanda



Fonte: Orixás e entidades da Umbanda e do Candomblé (2012)

As linhas da Quimbanda correspondem, cada uma, a um campo de atuação das entidades. As linhas são as seguintes e cada uma tem um modo geral “de ser”, conforme ORTIZ (1978).

Linha Malei – conselho e sabedoria.

Linha das Almas – habitantes de lugares sombrios e cemitérios.

Linha do cemitério ou das caveiras – ligação com nossos entes queridos já falecidos.

Linha Nagô – magia negra.

Linha de Mosso Rubi – aptidão nos trabalhos mentais.

Linha dos Caboclos Quimbandeiros – fortes e guerreiros.

Linha Mista – um pouco de cada características de exus e pomba giras.

Cada entidade que temos, tem um trabalho distinto a desenvolver na vida de cada um de seus médiuns. A presença mais forte de cada um deles vai ao encontro daquilo que deve ser trabalhado naquele momento. Sendo exus e pomba giras enviados para auxiliar na vida dos seus praticantes, equilibrando a espiritualidade com a vida do médium.

2.3 O gênero e sexualidade no Batuque e na Quimbanda

Se vamos em um terreiro em dia de culto, encontraremos pessoas já caracterizadas e cada uma com a sua particularidade em jeito de andar ou falar, mas o que sabemos também é que não se encontra ali a Fulana e sim uma entidade. Nessa situação, é comum notarmos que Beltrana está

usando bombachas e outra Beltrana saia. Porém também veremos Sicrano com bombachas e outro Sicrano com saia. É justamente nesse ponto que surge o questionamento, o julgamento: se o Sicrano que está de saia for homossexual é mais aceitável, mas, se não for, a sexualidade dele é colocada em dúvida. Esse pensamento se escuta tanto das pessoas que não são da religião quanto de pessoas da religião. Em relação às primeiras, podemos ensiná-las, explicar que a vestimenta, no caso, a saia, não é para o médium, mas para a entidade, pois elas não têm essa informação. Mas e quando esse pensamento surge de quem é da casa, dos próprios praticantes, que a princípio já possuem essa informação, de que as vestimentas são para as entidades e não para os médiuns, mesmo assim ficam questionando, julgando e levantando hipóteses sobre a sexualidade de seu irmão de fé.

Em algumas religiões, o assunto homossexualidade é tratado como uma doença que precisa de cura, pois para eles, essa condição de sexualidade é um crime contra a natureza divina, visto como grande pecado perante Deus. Sabemos que a homossexualidade foi condenada e perseguida há muito tempo na sociedade colonizadora ou colonizada culturalmente. Um histórico exemplo dessa situação é a história indígena Tibira (MOTT, 1995), um indígena Tupinambá que foi explodido em um canhão publicamente em 1614 com anuência da igreja católica.

O crime cometido por ele foi a prática homossexual, que não era punida nem sequer mal vista pelos indígenas da época. Porém, a sociedade europeia, além de ver indígenas como um subtipo de pessoas sem civilização, punia, com viés fortemente religioso e cultural, a orientação sexual homoafetiva. Isso culmina na execução pública de Tibira por praticar sodomia, a parte pública de sua execução se dá pela formulação de exemplos que servissem como lição ao povo dito não civilizado, os indígenas. Servia para alertá-los de que essa prática seria punida com a morte.

A dominância da igreja católica nos países da Europa e suas colônias se estende também em sua cultura que foi imposta forçadamente impostas nas terras brasileiras. A condenação de outras práticas religiosas que não fossem católicas e os dogmas da igreja eram uma constante, bem como a “sodomia” hoje compreendida como homossexualidade. Muito embora o Brasil de hoje não seja mais colônia nem seja um país católico, as heranças da história do Brasil são bastante visíveis nesse aspecto quando falamos de religiosidade afro-brasileira e homossexualidade, aspectos que são alvos de ações homofóbicas e de intolerância religiosa

ao longo dos anos, a homossexualidade foi associada pela sociedade a sadomia, pela igreja ao pecado, pela medicina diagnosticada como desvio sexual e inversão congênita e

finalmente pela psicologia como distúrbio mental, perversão e degeneração (ANDRADE, 2016. p. 09)

A não aceitação aos homossexuais ou a repulsa aos comportamentos homoafetivos nos é ensinada enquanto sociedade desde nosso berço. Pela homofobia e também a misoginia (repulsa pelo feminino) serem ensinadas desde nosso nascimento, assim os reproduzimos sempre que possível em nossos espaços de convívio social. A religião é um desses espaços. Porém, como a matriz cultural desses ritos não é europeia e não nasce do mesmo pacto social europeu, alguns comportamentos também não o são, tal como atrelar a presença de figuras femininas a corpos masculinos, o que pode causar conflitos dentro dos terreiros.

Dentro dos fundamentos e leis das religiões de matriz africana, não há a compreensão de que a homossexualidade seja pecado ou muito menos uma conduta a ser repreendida. O que culmina na maior concentração de pessoas homossexuais dentro dos terreiros, visto que é uma prática religiosa que não institui a homossexualidade como fator inferiorizante.

Em contraponto à tendência religiosa europeia em relação aos homossexuais, nos terreiros e tendas das religiões de matriz africana, é comum encontrarmos pais e mães de santo, ou seja, líderes religiosos, homossexuais.

2.3.1 As relações de gênero e de sexualidade no Batuque

Em Saraceni (2001), temos uma conceituação explicando que na energia divina viva de Deus se encontra a origem dos nossos códigos genéticos específicos e que são esses que determinarão as naturezas distintas de cada ser e que por sua vez, distingue também os orixás. Partindo disso, podemos entender que o orixá nos acompanha desde o início da concepção. Ele influenciará nas características de cada pessoa, no modo de agir, de se relacionar com as outras pessoas e na forma como nos relacionamos com nós mesmos.

Recebemos do nosso orixá suas particularidades, sem nada interferir na sexualidade de seus médiuns. Um homem heterossexual, por exemplo, não terá de forma alguma atração por outro homem pelo fato de ser filho de orixá feminino, da mesma forma que mulheres filhas de orixá masculino também não se sentirão atraídas por outras mulheres, exclusivamente em função do pai de cabeça.

Quando ocorre a possessão (ocupação) do orixá em seu médium, os movimentos, atitudes e formas de se manifestar são exclusivamente do orixá, nada tendo a ver com seu médium, pois

esse não está espiritualmente ali presente. Durante o processo de ocupação, durante ritos, há apenas a presença do corpo físico do médium, estando o controle sob responsabilidade do orixá, impossibilitando assim que haja interferência na sexualidade, pois, quando o orixá deixa o corpo físico do médium, esse não tem conhecimento de nada que aconteceu enquanto esteve ocupado por seu orixá.

2.3.2 As relações de gênero e sexualidade na Quimbanda

Na concepção da Quimbanda, todo médium iniciante tem, pelo menos, um casal de exu, o que pode mudar conforme o desenvolvimento mediúnico ao longo dos anos, pois um médium pode trabalhar com 2 ou mais casais de exus.

Exu e pomba gira, diferente dos orixás, como já dito anteriormente, são espíritos que já viveram na terra, assim sendo, são os mais próximos dos médiuns. São espíritos em evolução, que trabalham a serviço dos orixás, sendo por eles enviados para auxiliar na vida dos seus aparelhos mediúnicos, equilibrando tanto a espiritualidade, quanto a vida do médium. É muito comum, ao visitar um terreiro, vermos homens trabalhando com pomba gira e mulheres com exu, pois as entidades os incorporam em seus médiuns para trabalhar em algum aspecto da vida deles em que se faz necessário.

Assim como acontece com a manifestação dos orixás no Batuque, as entidades da Quimbanda não interferem também na sexualidade, pois todas as pessoas que são médiuns de incorporação trabalham tanto com pomba gira quanto com exu, independentemente de serem homens ou mulheres.

Homossexuais, geralmente, não seguem os pactos sociais de bloqueio e de repulsa pelo comportamento que é socialmente taxado como feminino. Pelo fato de não terem um maior grau dessa repulsa, permitem-se deixar tomar pela energia da pomba gira sem receio. Assim sendo, exus e pomba giras não interferem na sexualidade dos seus médiuns.

3 REFERENCIAL TEÓRICO: A ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA

A análise do discurso dos praticantes das religiões apresentadas acima foi baseada na vertente anglo-saxã, denominada Análise do Discurso Crítica (ADC). Amparamos, portanto, no conceito de discurso estabelecido por Fairclough (2001), o qual relaciona a linguagem às representações do mundo, ou seja, o conhecimento que foi construído socialmente.

Temos como objetivo buscar diferentes opiniões e visões sobre o assunto, discursos esses que talvez sejam distintos tanto pelo sujeito mais velho quanto pelo tempo de prática e convívio social, tanto do mais novo que pode ter um olhar diferente sobre o assunto levando em consideração o que já viu, ouviu ou presenciou.

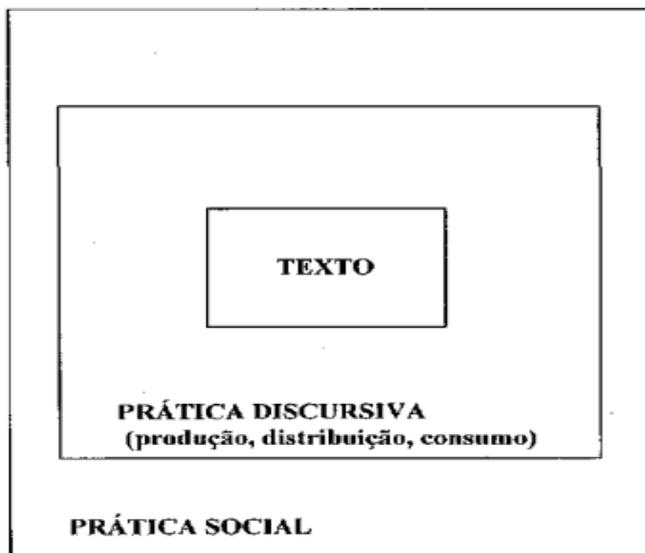
Para a ADC, a relevância do estudo discursivo está no fato de que

o discurso contribui para a construção de identidades sociais, de relações sociais entre as pessoas e de sistemas de conhecimento e crença. Além disso, reproduz a sociedade como ela é, mas também permite transformá-la, constituindo uma relação dialética com a estrutura social (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Portanto, tendo em vista a análise por compreensão de um meio social, a ligação entre a linguagem, sociedade e história, pode-se analisar o discurso em diferentes níveis, tanto dos significados por eles produzidos, ao que está atrelado na sua comunicação, quanto às intenções subjacentes aos discursos. Assim não se trata de ter uma resposta concreta, mas uma compreensão melhor do que ocorre, e nesse trabalho, o que ocorre nos diferentes terreiros, o convívio entre os iguais e o por que os pensamentos e receios ocorrem.

A ADC se configura como uma perspectiva teórico-metodológica, pois, além de apresentar conceitos essenciais para o processo analítico, constrói um arcabouço metodológico de como realizar a análise de forma crítica. Para isso, Fairclough (2001) propõe que a análise deve acontecer em três dimensões, como apresentado na Figura 3 abaixo.

Figura 3 – Concepção Tridimensional do Discurso



Fonte: Fairclough, (2001, p. 101).

Como demonstrado na figura acima existem três dimensões descritas por Fairclough que compõem essa análise, tais como: o *texto*, dimensão em que “As pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado (e a construção) de identidades sociais., relações sociais e conhecimento e crença”(FAIRCLOUGH, 2001, p.104); a *prática discursiva*, que “envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p.106-107); e a *prática social*, a qual corresponde ao “discurso em uma concepção de poder como hegemonia e em uma concepção da evolução das relações de poder como luta hegemônica” (FAIRCLOUGH, 2001. p.116).

4 METODOLOGIA

Em termos epistemológicos, o presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, pois

refere-se à combinação de perspectivas e métodos apropriados de um problema quanto possível. Um exemplo disso seria a combinação de tentativas na compreensão do ponto de vista de uma pessoa, com tentativas de descrição da esfera de vida na qual ela atua (FLICK, 2009, p. 65).

Por isso, em consonância com Flick (2009), entendemos que o estudo qualitativo é o que mais se ajusta em nossa proposta, visto que interessa a análise valorativa dos dados e não a quantificação das informações.

Para desenvolver o estudo, realizamos entrevistas semiestruturadas e qualitativas, em que o pesquisador busca maior quantidade de dados para uma análise qualitativa posterior e o método que será utilizado é o hipotético-dedutivo, porque a intenção deste estudo não é definir uma resposta concreta ou definitiva e sim refletir sobre as hipóteses e as particularidades e experiências individuais de cada praticante através de entrevista, buscando opiniões individuais para aprofundar o tema em estudo.

Para que fosse possível realizar este trabalho de conclusão de curso, realizamos um estudo com a finalidade de esclarecer e aprofundar o conhecimento dos praticantes, sobre seus posicionamentos em questões de gênero e de identidade sexual nas religiões de matriz africana. Para que seja possível abordar o tema central da pesquisa, utilizamos alguns tópicos, assim, qualquer pessoa com as mesmas dúvidas e até mesmo com menos conhecimento possam partir do mesmo ponto.

Realizamos uma pesquisa de campo com questionário e breve entrevista com praticantes (sacerdotes, praticantes em desenvolvimento e iniciantes) da cidade de Bagé, Rio Grande do Sul, para analisar o posicionamento deles a respeito de gênero e identidade sexual. Como último passo metodológico, analisaremos as respostas dos praticantes com base na teoria de Fairclough (2001), e refletir sobre os resultados obtidos.

Para alcançar o objetivo e compreender como ocorre o posicionamento dos adeptos em relação ao preconceito de gênero e de identidade sexual em religiões de matriz africana na cidade de Bagé, RS, foi necessário realizar entrevistas com diferentes praticantes de religiões de matriz africana, que são eles: 2 pais de santo (sacerdotes), 2 pessoas prontas na linha de Batuque ou

Quimbanda, mas que não tem casas e 2 praticantes/desenvolventes, que não estão prontos em nenhuma linha, sendo eles 5 homens e 1 mulher. No Quadro 1, apresentamos a caracterização dos participantes da pesquisa.

Quadro 1: Caracterização do campo de estudo

Hierarquia	Orixá	Exú	Pomba gira	Entidade de frente (principal)	Tempo de praticante	Gênero
Iniciante	Oxalá	Marabô	Menina da Praia	Marabô	1a e 6 m	Masculino
Iniciante	Oxum	João Caveira	Rosa Caveira	Rosa Caveira	3 anos	Masculino
Prontos	Xangô	Zé pilintra	Maria Mulambo	Zé pilintra	7 anos	Masculino
Prontos	Iansã	Tranca Rua	Rosa vermelha	Tranca Rua	10 anos	Feminino
Pai de santo	Bará	Tiriri	Maria Padilha	Maria Padilha	24 anos	Masculino
Pai de santo	Ossanha	7 Encruzilhada	Maria Mulambo	Maria Mulambo	12 anos	Masculino

Fonte: Autor

A fim de preservar a identidade dos sujeitos envolvidos no estudo, eles foram identificados de acordo com o seu orixá de cabeça. O objetivo dessa pesquisa foi analisar as entrevistas e refletir como os praticantes entendem sobre o assunto que estamos abordando nesta pesquisa, as perguntas realizadas estão nos apêndices.

As entrevistas começaram a ser aplicadas em meados de dezembro de 2021 e foram finalizadas no dia 10/01/2022 e após foram transcritas do dia 10/01/2022 até 17/01/2022. A partir disso, foi possível dar início à análise dos dados coletados.

As transcrições foram feitas de acordo com a fala de cada entrevistado, mantendo as possíveis inadequações gramaticais, frequentes em uma conversa mais informal, como nas entrevistas. Para realizar as transcrições, foi indicado a ferramenta do Google, o *Live Transcribe*, porém não foi possível obter uma transcrição que concordasse com o áudio e, por isso, optou-se por uma transcrição manual, a partir da escuta dos áudios diversas vezes e em seguida digitação das falas.

5 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE LINGUÍSTICA SOBRE OS RESULTADOS

A análise dos dados está dividida em três partes: Iniciante, Praticantes em desenvolvimento (prontos) e pai de santo, a identificação será com o seu orixá de Batuque e na linha de Quimbanda primeiramente com a sua entidade que trabalha com mais frequência e a outra com menos frequência.

5.1 Análise dos praticantes iniciantes

Sabe-se de todo o estigma criado sobre a religião de matriz africana, um fato histórico-social brasileiro advindo do período da escravização dos negros. Por isso, acreditamos ser interessante começarmos por quem está começando na religião africana, pois talvez esteja vindo de outras religiões como, evangélica, espírita, etc., saber suas perspectivas, seus pensamentos e ideias sobre a religião afro.

Para isso, foram entrevistados dois médiuns, o primeiro é o iniciante de Oxum, do gênero masculino que tem 1 ano e meio como praticante, na linha de Batuque é de Oxum com Xapanã e na linha de Quimbanda tem as entidades Rosa Caveira (de frente) e João Caveira, o segundo é de Oxalá, do gênero masculino que tem 3 anos como praticante, na linha de Batuque é de Oxalá com Iemanjá, na Quimbanda de Marabô (de frente) e pomba gira Menina da Praia.

Ambos trabalham com exu e pomba gira. As primeiras questões feitas a eles foram sobre o conceito de religião e o que cada linha representa e significava para eles, conforme as respostas a seguir.

<p>Iniciante de Oxum</p>	<p><i>Eu era da Igreja Evangélica antes, eu era um crítico da matriz africana na verdade, (...) hoje a religião pra mim é o amor praticando ela no lugar correto, onde se tem respeito, (...) nosso orixá é nossa vida ali né! É o que comanda tudo. (Filho de Oxum).</i></p>
------------------------------	---

Iniciante de Oxalá	<i>Religião hoje em dia é tudo, a gente vai aprendendo cada coisa, cada dia, antigamente eu não gostava também, porque achava que era coisa do demônio, essas coisas que as pessoas vivem falando. (Filho de Oxalá).</i>
--------------------	--

Temos, portanto, dois sujeitos que veem a religião como algo que venha acrescentar em suas vidas, e em ambos os casos, tinham visões diferentes sobre a religião visto o que a sociedade falava ou como, no primeiro caso, uma religião diferente que obviamente tinha outras crenças e ideologias. Essas ideias, como mencionado acima, vêm de tempos, uma história marcada por resistência, preconceito, e de um povo marcado pela luta por seu próprio espaço e reconhecimento, e junto com isso, uma religião vista de forma negativa e errada a se seguir. Isso se deve, principalmente, pela forma dos rituais e incorporações que são as “coisas do demônio” vistas pela sociedade.

A igreja tem um papel bastante marcante na nossa história, visto que sempre ocupou um lugar hegemônico em nossa sociedade, confrontos religiosos na busca pelo poder, como: cristãos x mulçumanos, mulçumanos e não mulçumanos, judeus x cristãos e umbanda x evangélicos, em todos eles, a perseguição religiosa engendrada pela igreja em se manter hegemônica e no caso das religiões de matriz africana utiliza a forma de “endemonizar” as práticas religiosas.

todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto em público ou em particular. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948).

Sendo assim temos a consciência de que todos somos seres com o direito de liberdade de expressão, pensamento e escolhas em quaisquer circunstâncias, direitos esses que são amparados pela constituição no artigo citado acima.

Ambos entrevistados, Oxum e Oxalá migraram de outra religião e pensavam como discurso hegemônico antes de entrar e conhecer a religião e, após tomarem conhecimento, modificaram os seus pensamentos e passaram a entender realmente o que era a religião africana.

As seguintes questões norteiam sobre a possível resistência em aceitar, ou não, a incorporação de entidade do gênero oposto e se veriam isso como algo que pudesse afetar, de alguma forma, sua vida e escolhas pessoais, e obtivemos as respostas a seguir.

Iniciante de Oxum	<i>Por ser homossexual não teria, não tem, não vejo problema em receber pomba gira. Eu acho que não deveria acontecer a pessoa que adentre heterossexual que adentra a uma terreira. Ela tem que se entregar de corpo e alma sabendo que pode chegar totalmente uma entidade feminina ou masculino, não vai ser uma pomba gira que vai mudar a sexualidade de uma pessoa. (Filho de Oxum).</i>
-------------------	--

Iniciante de Oxalá	<i>Antigamente eu tinha preconceito, não gostava de trabalhar com pomba gira, essas coisas, mas a gente vai percebendo que nem tudo o exu pode fazer por nós, tipo coisas que as pomba-giras, só podem fazer que os exus não conseguem. (Filho de Oxalá).</i>
--------------------	---

Percebemos, então, uma facilidade em aceitar uma entidade do gênero oposto pelo médium de Oxum e como ele mesmo diz que talvez, por ser homossexual, mas que apesar disso acredita que todo heterossexual não deveria ter preconceito em aceitar uma entidade do gênero oposto, pois já se tem o conhecimento de que, quando se entra na religião, há a possibilidade e quase certeza que terá que receber exu e pomba gira. E no médium de Oxalá, a afirmação de que tinha sim um preconceito em ter que trabalhar com o gênero oposto, mas com o tempo foi mudando seu pensamento e aceitando receber entidade do gênero feminino.

Temos em nosso país uma cultura bastante machista, em que homens devem ser vistos como figuras másculas, firmes e sérios para serem respeitados, e isso é imposto desde cedo, quando se é dito: “Te afirma gelatina!”, “Tu é homem, ou um rato?”. Por termos uma sociedade com esse pensamento, de sempre estabelecer padrões em relação ao que um homem ou mulher deva fazer ou ser, é que talvez o sujeito de Oxalá tivesse esse receio e preconceito em trabalhar com uma entidade do gênero oposto, afinal, o que iriam pensar dele.

Para melhor entendimento sobre o que o iniciante de Oxalá disse sobre a função exercida por exu, Negrão (1996) esclarece que

exus se incumbem de defender os pais e filhos de santo, e mesmo a clientela contra os malefícios reais ou virtuais de seus concorrentes, desafetos e inimigos, (...) ligados à preservação da ordem, ao mesmo tempo que liberta a sexualidade, contrapõe-se às vigências culturais e políticas. (...) sua iconografia africana o representa com chifres, tridente de ferro e com falo evidente, além de ter no fogo o seu símbolo. [...] são vistos como espíritos de mortos, “eguns” ou “quiumbas” que em vida foram assassinos, ladrões, etc. [...] tratam sobre tudo do relacionamento sexual, arranjam namorados, amantes e

esposos e fazem as “amarrasões” de pessoas amadas, mesmo que casadas com outras. Aparecem no terreiro rastejando, bebem pinga jogada no chão; se eretos têm o andar cambaleante e as mãos torcidas como garras. São identificados como os cemitérios (um dos seus lugares prediletos ao lado das encruzilhadas), É evidente que as federações e intelectuais de umbanda tentaram extirpar os exus e suas mulheres das giras. Mas são muito raros os terreiros em que não estejam presentes, de alguma forma. Geralmente tem sua casa na entrada do terreiro, a “tronqueira” onde são colocados suas imagens e oferenda. (NEGRÃO, 1996, p.82-87).

Cada entidade, exu e pomba gira, trabalha em sua esfera astral, então um precisa do outro para que seja possível realizar os seus trabalhos de diferentes formas, fazendo feitiços e desmanchando demandas. A respeito das funções desempenhadas pela pomba gira, o Isaia e Manoel (2012) pontuam que

vestidas com sedas e babados, adornadas com joias coloridas e armadas com punhais e línguas ferinas, entre goles e cidras, drinque Dreyer ou cachaça, entre palavrões e gargalhadas, as pomba-giras conversam com seus clientes e negociam seus serviços em troca de pagamentos que as satisfaçam. (...) na materialização dos espíritos e seus poderes nas estórias, as pomba-giras são frequentemente associadas a acusações de criminalidade. Associada ao cemitério, à encruzilhada e à morte, elas são frequentemente descritas como espíritos “menos evoluídos” com capacidade ilimitada para o mal, mesmo quando executando trabalhos para o bem (trabalho significa a própria interferência mágica dos espíritos no dia a dia). Identificadas como prostitutas, as pomba-giras são caracterizadas por uma marcante sexualidade, pelo falar carregado de palavrões e referências ao corpo erotizado, e pelo gosto pela bebida e pela riqueza. (ISAIA E MANOEL, 2012, p.180 – 181).

Exus e pomba giras possuem a capacidade de trabalharem para o bem e para o mal, e como disse o filho de Oxum: “religião pra mim é o amor praticando ela no lugar correto, onde se tem respeito, se tem fundamento, porque os mesmos também são a vitalidade, o caminho e a força”.

Ao ser questionado sobre a utilização de vestes para o trabalho com entidades do gênero oposto, por exemplo, homens usando saias para incorporarem pomba giras e mulheres usando bombachas para exu, o iniciante de Oxalá apresentou a resposta abaixo.

Iniciante de Oxalá	<i>É mais vaidade da pessoa a entidade não está nisso, se a entidade tiver que chegar de bermuda, de chinelo ou com a roupa que for ela vai chegar, ela não vai chegar na roupa e sim na vida da pessoa que a recebe. (Filho de Oxalá).</i>
--------------------	---

Essa resposta exprime a mesma opinião do iniciante de Oxum (Apêndice E). Ambos acreditam que não é por uma roupa luxuosa que a entidade se faz presente, cada indivíduo faz se

quiser ou puder, que a utilização dos acessórios, roupas, etc. está relacionada à vaidade pessoal de cada médium.

5.2 Análise praticantes prontos

Nesta seção, apresentamos os posicionamentos, ideias e concepções de duas pessoas que já estão na religião há mais tempo, o primeiro é filho de Xangô, gênero masculino, na Quimbanda Zé Pelintra (de frente) e Maria Mulambo praticante há 7 anos, a segunda filha de Iansã, gênero feminino, na Quimbanda Tranca Rua (de frente) e Rosa Vermelha, praticante há 10 anos. Destacamos que, nas entrevistas, ambos foram bem diretos em suas respostas e partilham de pensamentos semelhantes.

As primeiras questões foram sobre a religião, o que significava para suas vidas e ambos entendem como algo indispensável e destinado a eles. De acordo com os praticantes, a religiosidade é vista como a responsável por fazê-los serem as pessoas que são hoje em dia e também pela vida que possuem, como mostram as respostas a seguir.

Pronto de Xangô	<i>“É a estrutura da minha vida.” (Filho de Xangô).</i>
-----------------	---

Pronta de Iansã	<i>“É uma parte indispensável da minha vida hoje em dia, eu não sei viver sem ela porque me dá sustento, me dá tudo que eu preciso para estar aqui.” (Filha de Iansã).</i>
-----------------	--

Percebe-se, portanto, o quanto a religião é significativa em suas vidas, revelando que não se é só “praticante” da religião, mas se vive ela. A fala de ambos demonstra que é um modo de vida, que não se restringe apenas às práticas ritualísticas.

Quando perguntados a respeito das vestes dos adeptos, principalmente em relação às roupas tipicamente do gênero oposto, de receber entidade do gênero oposto e se isso afeta em algum sentido suas vidas e/ou dos praticantes, ambos entendem como algo normal e que aceitam sem problema algum.

Pronto de Xangô	<i>É uma forma de agradar a própria entidade que ele carrega, da mesma forma que a mulher também se caracteriza, tanto para entidades masculinas, porque não é o gênero que define a entidade a ser trabalhada, não vejo problema também. (Filho de Xangô)</i>
-----------------	--

Pronta de Iansã	<i>Porque assim como o homem se caracteriza para a sua pomba gira, por exemplo, a mulher se caracteriza para o exu. Ela bota calça, ela usa terno, eu acho que não tem diferença e não deveria ter um preconceito quanto a isso. (Filha de Iansã)</i>
-----------------	---

Na resposta sobre toda caracterização, ambos trazem o pensamento de “retribuir”, em querer agradar a entidade e também como algo normal e que não deveria haver preconceito. Podemos notar, portanto, que o posicionamento dos iniciantes em relação as vestes e acessórios é divergente, visto que, para eles (iniciantes) são questões de vaidade pessoal de cada médium em querer apresentar-se assim, e para os prontos, visto como forma de agradecimento por terem suas entidades em suas vidas, retribuição expressa através de boas roupas, jóias, independente do gênero.

5.3 Análise praticantes Pais de Santo

Partindo para a análise das respostas, foram entrevistados dois Pais de Santo, o primeiro Pai Bará praticante há 24 anos, na Quimbanda Maria Padilha (de frente) com Tiriri, o segundo Pai Ossanha praticante há 12 anos, na Quimbanda Maria Mulambo (de frente) com 7 Encruzilhada, temos a perspectiva em saber como lidam com tais questões dentro de suas casas e seus pensamentos sobre esse assunto.

Pai de Santo Bará	<i>Primeiramente, cada casa tem as suas regras, cada casa tem as normas a sua condução, dentro da minha casa também tem e com certeza eu iria lidar com a forma com a veracidade. A gente não pede para a gente ser de orixá, a gente não pede para ser de tal entidade essas entidades elas nos escolhem e a gente acaba sendo é um praticante delas para também a nossa no nosso desenvolvimento na</i>
-------------------	---

	<i>terra sobre o nosso espírito também, porque somos um espírito evolutivo que também estamos aqui, pois existe sim esse oposto de verdades de querer porque nós seres humanos pensamos, temos o livre arbítrio de ir e vir, mas cada casa lida com o seu rito, e o meu rito é ser o que é, não inventar e nem querer ter algo que não seja seu. (Filho de Bará).</i>
--	---

Quando o filho de santo acaba não aceitando receber uma entidade por ser do gênero oposto, o Pai de Santo Bará acredita que todos que entram na religião são praticantes por que gostam, por ter amor, por querer, e também estão cientes que podem vir a receber um orixá ou entidade de Quimbanda do gênero oposto. Além disso, a partir do momento em que se nega o que é destinado, é porque esse amor na realidade não existe, pois a religião não é algo que se possa escolher e sendo assim não seria certo estarem nela. Para o Pai de Santo, o “certo” é seguir as designações do plano espiritual. Nesse caso, o médium não tem possibilidade de escolha, de quem é filho, nem de quem são seus guardiões. Isso, de alguma forma, revela que nas religiões de matriz africana a questão do livre arbítrio é limitada, o sujeito não tem total direito de escolha. Há uma questão espiritual que determina alguns aspectos da vida do praticante.

Perguntamos ao Pai de Santo Bará, qual a orientação que é dada ao praticante quando ele não aceita receber a entidade por ser do gênero oposto.

Pai de santo de Bará	<i>A orientação é ele mesmo ser doutrinado a orientação também é, nós como somos adeptos da religião, a gente ama o que a gente faz, a gente ama o que a gente cultua, então isso já não há um amor espiritual, não há um amor no que tu vai praticar. Eu acredito que eu vou conduzir ao certo e não vou fazer o errado, não vou trocar o que é certo por ser do gênero oposto ou não e também não vou desfazer aquilo que é. A gente assim como é livre, a gente também é livre para as nossas opções se eu não acredito que o lado espírito vá influência na sexualidade nas vontades ou no querer, isso cabe a nós, pois nós somos seres humanos, nós temos a nossa vida. Nossa mente conduz a nossa vida, então eu não acredito com isso de querer não ter algo para não mexer com a parte mental. Não acredito nisso. (Filho de Bará)</i>
----------------------------	---

O pai de Santo Bará fala do amor à religião e quem está na religião é porque gosta, ninguém é forçado a estar em algum lugar que não se sente bem, porque quem está lá deve amar o que está fazendo! O sujeito que entra na religião sabe as suas condições, os seus ritos e sabe que em algum momento vai receber uma entidade do gênero oposto ao seu em alguma linha. Pai Bará também fala que “não vou trocar o que é certo por ser do gênero oposto ou não e também não vou desfazer aquilo que é”. Ele quer conduzir ao certo e não fazer o errado. Ele não acredita que o espírito vá influenciar na sexualidade do médium, porque cada um tem a sua vida e seu direito de escolha e os espíritos não podem influenciar nelas.

Pai de Santo Bará	<i>Como eu disse: acredito que já no não querer pelo ato, já a pessoa que ela mesmo se duvida da sua própria sexualidade. Não acredito nisso também, não cultuo isso, não gosto que ninguém, nenhum dos meus filhos, tenho até que alguém leigo ou alguém que chegue de outra casa que possa ter esse tipo de opinião, porque hoje em dia, na época que a gente tá, as pessoas elas são às vezes muito machista ou elas tem um preconceito. Nós da religião já vivemos o preconceito. EU, eu não acredito nisso, eu acredito que nós temos a nossa sexualidade e entidade vai vir influenciar nisso. Cada um faz aquilo que quer. (Filho de Bará)</i>
-------------------	---

O pai de Santo Bará mais uma vez fortalece a ideia de que o espírito não influencia na sexualidade do médium e se o mesmo ainda tem essa resistência em trabalhar com a entidade do gênero oposto é porque não tem sua identidade formada e coloca em dúvida a sua própria sexualidade. Mais uma vez fortalece a ideia de que a entidade não influencia na sexualidade e que não aceita essas práticas na sua casa.

Perguntamos ao Pai Santo Ossanha, qual a orientação que é dada ao praticante quando ele não aceita receber a entidade por ser do gênero oposto.

Pai de Santo Ossanha	<i>Eu não converso na frente de filho, eu não converso na frente de ninguém, lá dentro da minha casa religiosa cada conversa que se tem com filho de santo é tudo particularmente, né! Sendo que às vezes eu tenho a mesma conversa com todos, mas eu acredito que só deve ser entre o pai e o filho, para que não tenha opiniões alheias ali de pessoas que não tenham uma experiência o suficiente para poder</i>
----------------------	---

	<p><i>falar ou para poder guiar e foi o que eu falei agora atrás, essa função aí da sexualidade de um e de outro e como eu lido na minha casa, eu dou um certo tempo e digo: todo homem tem sua mulher e toda mulher tem o seu homem. Uma hora e outra eu não vou brigar que essa entidade feminina se manifeste no meu filho, mas ele entrou ciente que em algum momento em que ela vai se fazer no corpo dele presente na hora certa, mas que isso não vai interferir na vida dele de forma nenhuma. Momento que ele tiver preparado para poder receber essa entidade para poder trabalhar com essa entidade. Então é tudo uma questão de desenvolvimento da pessoa. (Filho de Ossanha).</i></p>
--	--

O pai Ossanha tenta guiar e orientar seus filhos através da conversa entre ele e o filho(a) sem que haja interferência de outras pessoas da mesma casa nele. Entende a religião como um processo de agradecimento, aceitação e propagação de tudo que lá atrás (a origem da religião) trouxe e proporcionou para o povo, trabalhar com exu e pomba gira é algo que irá acontecer com todos praticantes, mas cabe ao indivíduo aceitar e isso é um processo que cada um passa e uns podem demorar mais tempo.

<p>Pai de santo Ossanha</p>	<p><i>É o que mais acontece, mas tudo vai da explicação do mentor espiritual e deixar um certo preconceito que tem né! Porque se a pessoa é do gênero masculino entidade do gênero feminino, a gente tá no trabalho e no processo espiritual. Onde a carne está trabalhando encostada com espiritual, né! Então ali é um trabalho espiritual, não quer dizer que aquele espírito vai interferir na opção sexual, isso nenhum Pai de Santo nem a Mãe de Santo consegue mudar do dia pra noite.</i></p>
-------------------------------------	---

Tendo a consciência de que há uma certa resistência em casas de religião africana, o praticante é questionado sobre as vestes e se elas interferem de alguma forma na orientação sexual do praticante em trabalhar com o gênero oposto e como há essa resistência de que modo seguem ou lidam com a situação.

<p>Pai de santo de Ossanha</p>	<p><i>Eu acredito que a entidade feminina quando vem no corpo de um homem, ela não se necessita de uma saia, de uma saia de armação, de um corpete, de um corselet, de uma maquiagem, de uma peruca, né! Mas eu acredito que ela traz na incorporação essa essência feminina, se aquele médium, ele está disposto a trabalhar, ele se entregou de coração, ele se entregou de corpo e alma para aquela entidade, né! E aquela entidade na vida daquela pessoa dá resposta, dá o caminho e principalmente a satisfação de ter uma vida completa, eu acho que nada melhor que a gente agradar aqueles que estão nos dando, foi o que aconteceu comigo. Eu a muito tempo atrás, eu não aceitava colocar um corpete uma saia de armação e nenhuma maquiagem não colocava. Fui muitas vezes repreendido, suspenso de sessão de desenvolvimento, por não querer isso. Até o momento que eu aceitei e comecei a ver com outros olhos então se a entidade está te dando tá te dando condições, com certeza não tem problema nenhum daquele filho colocar uma saia, aquele filho fazer uma maquiagem e abrihantar mais aquele espírito que tá trabalhando naquele corpo, né!</i></p>
--	---

Destaco o seguinte trecho da entrevista do Pai Ossanha, pois resume o que ambos Pais de Santo disseram, em que as vestes mais rebuscadas e apetrechos, que apesar de não serem necessários para que a entidade se faça presente, é algo particular e vaidoso de cada praticante em querer fazer para agradar e agradecer a entidade que ali está pelo que ela faz pelo médium, mas que isso, não tem nenhum poder de mudar sua sexualidade. Tanto Pai Bará quanto Pai Ossanha não utilizavam tantas vestes, apetrechos e maquiagem no início, isso foi mudando ao longo dos anos, visto a visibilidade que ganharam.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como ponto de partida o preconceito já existente em nossa sociedade sobre a religião de matriz africana, esse trabalho teve como intuito o esclarecimento de posicionamentos dos próprios adeptos da religião africana, por terem o receio e talvez a negação em aceitar a entidade ou orixá do gênero oposto, por medo de intervir em sua vida e orientação sexual.

Convivendo com o receio de alguns praticantes, tive a iniciativa de propor uma pesquisa de campo, lembrando que o objetivo não foi definir uma resposta concreta ou definitiva e sim refletir sobre as hipóteses e as particularidades e experiências individuais de cada praticante, buscando opiniões individuais para aprofundar o tema em estudo para que fosse possível refletir e analisar os preconceitos de gênero e de identidade sexual em adeptos das religiões de matriz africana na cidade de Bagé, RS.

Ao longo deste trabalho, inúmeras questões foram se acentuando como na discussão sobre aceitar receber ou não uma entidade do gênero oposto a do médium e saber se a mesma pode interferir ou não na sexualidade. Assim pode-se dizer que procuramos encontrar subsídios para esclarecer esse tabu. Sabemos que existe uma resistência pelo papel masculino por estarmos em uma sociedade cultural, tradicionalista e machista, em que homens devem ser vistos como figuras másculas, firmes e sérios para serem respeitados e qualquer situação que acontece fora desse contexto já acaba virando motivo de piada. Podemos levantar uma hipótese que esse é um dos grandes motivos da resistência, do preconceito e da intolerância religiosa.

Então, necessitamos trabalhar questões fundamentais para que até mesmo as pessoas que não tem o conhecimento sobre a religião de matriz africana pudessem conhecer e entender, começamos com um embasamento simples sobre a religião de matriz africana e suas linhas (Batuque e Quimbanda). E a partir disso, foi realizada uma pesquisa de campo com adeptos, sendo eles a) o pai de santo, b) o praticante em desenvolvimento pronto em uma das linhas e c) o praticante iniciante, para que fosse feito um levantamento de dados e assim obter uma possível resposta para essa pesquisa.

Nos resultados obtidos, há o reconhecimento por parte dos Pais de Santo sobre o preconceito em seus terreiros e o receio de seus filhos em aceitar entidades do gênero oposto, porém acreditam que é algo que vai do mentor (Pai de Santo) em orientar da melhor forma seus filhos e lhes fornecer as informações e o conhecimento sobre o que é a religião de matriz africana. Em relação aos praticantes prontos em uma das linhas, percebemos a importância que a religião

tem em suas vidas, como a religião é significativa para ambos e o quanto são gratos por serem quem são e por suas conquistas. Sem nenhuma demonstração de receio ou preconceito em receber suas identidades independentemente do gênero.

Já com os iniciantes, demonstraram seus receios e medos, visto que estavam migrando de uma religião para a outra e tinham pouco conhecimento sobre a religião de matriz africana, sendo assim, foram aos poucos inteirando-se dos princípios e fundamentos da religião em que estão inseridos, fazendo com que ambos os entrevistados fossem com o tempo aceitando e compreendendo o que de fato é a crença em que decidiram seguir.

Concluimos, portanto, que os inúmeros elementos formam a religião de matriz africana, o que elas nas palavras de seus praticantes significam em suas vidas, o que cada entidade é responsável e proporciona a nós, e como isso é compreendido por eles, praticantes, e com o tempo obter o conhecimento através de seus mentores e orixás.

Ao discutir academicamente o assunto, acreditamos que esse estudo possa contribuir para uma realidade mais respeitosa e talvez menos julgadora. E como futuro professor, espero que tenhamos um convívio social deste modo, afinal, na sala de aula podemos e devemos levantar questões um tanto quanto "problemáticas" de nossa sociedade para que eles, futuros cidadãos, formem seus posicionamentos através de todo o conhecimento que tiverem acesso.

Esperamos que esse trabalho sirva para que motive outras pessoas a pesquisarem e a conhecerem mais sobre os ancestrais da religião de matriz africana, até mesmo para que os Pais de Santo conversem com os seus filhos (praticantes) para tirarem as dúvidas, até mesmo poderiam marcar um dia no mês para conversar sobre a religião, sobre a história de cada orixá ou entidade. Muitos adeptos estão em uma casa de religião, mas não conhecem os fundamentos, não aprendem a realizar ritos, trabalhos e oferendas. Então esperamos que esse trabalho sirva de motivação para aqueles que a praticam.

REFERÊNCIAS

- ALADRÉN, Gabriel. "Escravidão e alforria na América Portuguesa." *Educação e Relações Raciais*: 105.
- ANDRADE Luis Antonio, **A homossexualidade masculina nas religiões de matrizes africanas**. Juiz de Fora, 2018.
Disponível em:
<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/11021/1/luizantonioteixeiradeandrade.pdf>. Acesso em: Dezembro 2021.
- DORNELES RAMOS, J. **O cruzamento das Linhas, os corpos e seus outros nas religiões de matriz africana**. Trama, n. 8, 31 dez. 2017.
Disponível em: <http://www.auas.org.uy/trama/index.php/Trama/article/view/90>. Acesso em: Novembro/2021.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Bookman. 157 p. 2007. Artmed editora.
- ISAIA, Artur César, MANOEL, Ivan Aparecido. (Orgs). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras: histórias e ciências sociais**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- MOTT, Luiz. **A Inquisição no Maranhão**. Edufma, 1995.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a cruz e a encruzilhada. Formação do campo umbandista em São Paulo**. São Paulo, EDUSP, 1996
- ORO, Ari Pedro. **O atual campo Afro-religioso da homossexualidade masculina nas religiões de matrizes africanasúcho**. Revista Civitas. Porto Alegre. Volume 12. Dezembro de 2012.
- ORTIZ, R.; **A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes**. Petropolis: Vozes, 1978.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.*em São Paulo*.
- RODOLPHO, Adriane Luisa. Aproximações ao universo das religiões afro-brasileiras: o batuque, a umbanda e a quimbanda do sul do Brasil". In: WULFHORST, Ingo (Org.). **Espiritualismo/espiritismo: desafios para a Igreja na América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p.35-42.
- SARACENI, Rubens. **Orixás Ancestrais: Hereditariedade divina dos seres**. São Paulo: Madras, 2001.

SPERONI, Aline. **Religiões afro-gaúchas no ensino de história**: Batuque, umbanda e linha cruzada. Dissertação de Mestrado. 116p. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul. 2018.

SILVA, Gilberto Ferreira da *et al.* **RS Negro**: Cartografias sobre a produção do conhecimento. 2ª Edição. Porto Alegre: ediPUCRS, 2010.

SITE:

Organizações Unidas Artigo 18; acesso em janeiro de 2022

Acesso em: <https://brasil.un.org/pt-br/81831-artigo-18-liberdade-de-religiao-e-crenca>

APÊNDICES

Apêndice A - Questões para praticantes iniciantes

Qual seu nome?

Quanto tempo tem como praticante da religião de matriz africana?

O que é religião de matriz africana para você?

Como você conheceu a linha de batuque?

Como você conheceu a linha quimbanda?

De qual orixá você é filho(a)?

Quais são suas entidades de quimbanda?

Qual sua opinião, sobre praticantes receberem entidades do gênero oposto?

Como é essa situação para você, você receberia uma entidade do gênero oposto ao seu?

O que você acha sobre homens que se caracterizam com roupas (saias com armação, maquiagem e outros acessórios) para suas entidades?

Apêndice B - Questões para praticantes prontos em linhas de quimbanda ou batuque

Qual seu nome?

Quanto tempo tem como praticante da religião de matriz africana?

O que é religião de matriz africana para você?

Como você conheceu a linha de batuque?

Como você conheceu a linha quimbanda?

De qual orixá você é filho(a)?

Quais são suas entidades de quimbanda?

Qual sua opinião sobre seu irmão de terreiro receber uma entidade do gênero oposto?

Como é essa situação para você, você receberia ou recebe uma entidade do gênero oposto ao seu?

O que você acha sobre homens que se caracterizam com roupas (saias com armação, maquiagem e outros acessórios) para suas entidades?

Apêndice C - Questões para chefes de terreiro (pai de santo)

Qual seu nome?

Quanto tempo tem como praticante da religião de matriz africana?

O que é religião de matriz africana para você?

O que é ser um pai ou mãe de santo dentro do terreiro? Quando ocorreu essa descoberta pro senhor(a)?

Como o senhor(a) entende a linha de batuque?

Como o senhor(a) entende a linha de quimbanda?

De qual orixá você (o senhor ou senhora) é filho(a)?

Quais são suas entidades de quimbanda?

Como o senhor(a) compreende a questão de gênero da entidade com o do médium? O senhor acredita numa resistência do médium para com o gênero oposto?

No caso de um filho da sua casa ter resistência a entidades do gênero oposto, como o senhor lida com essas questões, qual a forma que o senhor entende de agir?

Qual a sua opinião sobre pessoas receberem entidades do gênero oposto?

Quando um praticante não aceita sua entidade por ser do sexo oposto, qual a orientação que você dá a ele?

Como o senhor(a) reage quando um filho(a) ou algum praticante aborda a questão de que não aceita receber uma entidade do gênero oposto porque pode interferir na orientação sexual sua do médium?

O que você acha sobre homens que se caracterizam com roupas (saias com armação, maquiagem e outros acessórios) para suas entidades?

Apêndice D - Entrevista realizada com praticante iniciante - OXALÁ

Quanto tempo tem como praticante da religião de matriz africana? Em torno de um ano e meio mais ou menos.

E nesse tempo, o que é religião de matriz africana para você? Religião hoje em dia é tudo, a gente vai aprendendo cada coisa, cada dia, antigamente eu não gostava também, porque achava que era coisa do demônio, essas coisas que as pessoas vivem falando, mas quando a gente entra e vê que é totalmente diferente, tudo diferente do que falam.

E nesse tempo que tu tem como praticante o que tu pode falar sobre a linha de batuque, qual tua opinião sobre a linha de batuque? O batuque eu sou praticante a bem pouco tempo mesmo, agora que eu entrei pra casa do pai de santo (...) que estou aprendendo mais um pouco, faz mais ou menos uns oito meses que estou e eu ainda não adentrei ainda na nação.

E qual o teu entender na linha de quimbanda? A quimbanda é a linha que eu mais gosto, porque é a linha que eu mais pratico hoje em dia, eu entrei pela quimbanda também, então acho que é uma vibração boa também.

De qual orixá você é filho(a)? Eu sou filho de Oxalá com Iemanjá.

Quais são suas entidades de quimbanda? Na quimbanda eu sou de Marabô com pomba gira Menina da Praia.

E qual sua opinião sobre os praticantes que recebem entidades do gênero? Antigamente eu tinha preconceito, não gostava de trabalhar com pomba gira, essas coisas, mas a gente vai percebendo que nem tudo o exú pode fazer por nós, tipo coisas que as pomba giras, só podem fazer que os exus não conseguem. Então hoje em dia não vejo mais problema nisso. Também não me faz menos homem trabalhando com pomba gira ou não.

E ao ver as outras pessoas, como é pra ti, no caso tu falou que não gostava e agora como era antes e como é hoje? Antigamente eu via as pessoas e eu achava que estava se fazendo, que era coisa da mente ou que estavam querendo fazer o que não era, mas quando a gente vê a verdade naquilo que a gente está vivenciando ali, acho que muda totalmente o pensamento da pessoa.

O que tu acha sobre homens que se caracterizam com roupas (saias com armação, maquiagem e outros acessórios) para suas entidades? Acho bastante vaidade da pessoa talvez, não que eu tenha algo contra ou a favor, mas é mais vaidade da pessoa a entidade não está nisso, se a entidade tiver que chegar de bermuda, de chinelo ou com a roupa que for ela vai chegar, ela não vai chegar na roupa e sim na vida da pessoa que a recebe.

Apêndice E - Entrevista realizada com praticante iniciante - OXUM

Quanto tempo tem como praticante da religião de matriz africana? Eu entrei há 3 (três) anos atrás, e eu não gostava antes, eu não praticava a matriz africana, eu era da Igreja Evangélica antes, eu era um crítico da matriz africana na verdade. Depois que comecei fui parar no susto dentro do terreno, né por uma mentira dá uma entidade que me arrastou para dentro. Aí eu fiquei comecei a gostar vendo de outra forma, claro iniciei em casa errada até me achar onde estou agora. Mas respondendo a pergunta, 3 anos.

O que é religião de matriz africana para você? Hoje pra mim ela representa, como posso responder: hoje, religião pra mim é o amor praticando ela no lugar correto, onde se tem respeito, se tem fundamento né, em ambas as linhas que eu tô praticando agora, tô conhecendo a religião agora na casa onde estou. Então religião pra mim é amor é a palavra que eu defino, penso isso.

E agora entrando na parte das linhas. Como você entende a linha de batuque? A linha do batuque no caso nação, ainda não pratiquei ainda, mas é nosso orixá é nossa vida ali né é o que comanda tudo. Sem o nosso orixá a gente não seria ninguém a gente não seria nada né, no caso a minha mãe, tô conhecendo ela agora aos poucos a gente está se encontrando vamos dizer assim. Então é o início de tudo e a nossa vida, né? O batuque né! Quero muito conhecer e quero ainda me aprofundar mais.

E o que tu poderia falar da linha de linha quimbanda? A linha de quimbanda, povo da rua, adoro! Até posso dizer por praticar mais a quimbanda, eu gosto mais porque é onde eu entendo um pouco mais, vamos dizer assim né! A linha da quimbanda eu adoro se eu pudesse passar incorporado todos os dias eu passava. Como eu digo para o pai sempre: sou fome por religião, eu gosto, eu quero absorver o máximo da religião porque eu quero ser um pai de santo daqui uns anos. Eu estou indo de encontro contra, porque a maioria não quer ter esta responsabilidade e eu quero ter essa responsabilidade, eu quero ser pai. Então a quimbanda eu conheci a 3 anos também e entrei pela quimbanda porque nas casas que eu adentrei, entrava pela quimbanda não entrava pela nação ou pela umbanda como é em outras casas.

De qual orixá você é filho(a)? Na linha de batuque eu sou de Oxum, Xapanã e Bará.

Quais são suas entidades de quimbanda? Na linha de quimbanda, sou João Caveira com Rosa Caveira. Adoro eles cada um na sua linha né. Adoro eles, Amo de paixão né e é isso.

Qual tua opinião sobre praticantes receberem entidades do gênero oposto? Para mim é fácil responder essa pergunta, porque por ser homossexual não teria não tem não vejo problema não vejo problema em receber pomba gira. Eu acho que não deveria acontecer a pessoa que adentre heterossexual que adentra a uma terreira. Ela tem que se entregar de corpo e alma sabendo que pode chegar totalmente uma entidade feminino ou masculino. Às vezes tem área eu né. Penso que às vezes tem áreas na vida que não andam por desfazer de uma pomba gira. Então eu acho que não vai ser um pomba gira que vai mudar a sexualidade de uma pessoa, acredito eu né, mas vai da cabeça de cada um né? Eu para mim ficar tranquila que eu adoro, né! Então para mim é tranquilo.

Agora a gente vai se encaminhando para a última pergunta que eu gostaria de saber qual é a tua opinião sobre homens que se caracterizam com roupas (saias com armação, maquiagem e outros acessórios) para suas entidades? É isso aí é uma coisa mais ser humano né! Porque a entidade não precisa disso, porque a entidade não precisa disso, a gente sabe se a entidade quiser chegar de bermuda, camisa. É a vaidade do ser humano, é nosso de querer dar o bom né! A entidade dá para a gente e a gente quer retribuir de alguma forma, né, uma roupa bonita, um colar, um calçado. Mas para mim a entidade não está ai, a entidade está no coração da gente, no ente da gente. Usando as palavras do meu pai:” *RESPONDENDO NA VIDA DO FILHO NÉ*”. Não vai ser uma roupa que faz uma entidade, acredito que não é isso ai. É importante, acho legal, entendo dá para entidade porque é uma troca Né! Mas em questão a isso é tranquilo! Do mais simples a o mais luxuoso tendo axé e o que basta eu penso assim.

A gente terminou o questionário da entrevista. Gostaria de saber se tu tem mais alguma coisa para acrescentar algo para agregar no assunto, quer falar mais alguma coisa sobre o assunto? Não seria isso mesmo, até legal isso que tu está fazendo para desmistificar um pouquinho, principalmente uma parte das perguntas que tu fez sobre quebra de gênero oposto, do homem receber pomba gira, acho isso importante até para o não praticante que está com dúvida ainda de querer entrar na religião ou não, pra ele quebrar esse paradigma porque não existe isso não vai se a pomba gira que vai mudar a sexualidade de um homem ou de um a mulher.

Apêndice F - Entrevista realizada com praticante pronto em linhas de quimbanda ou batuque e que não tem sua própria casa - XANGÔ

Quanto tempo tem como praticante da religião de matriz africana? 7 (sete) para 8 (oito) anos!

O que é religião de matriz africana para você? É a estrutura da minha vida.

Como você conheceu a linha de batuque? Através da minha namorada, ela conheceu uma casa que trabalhava com essa linha e me convidou, disse que seria muito interessante eu conhecer, eu conheci e me apaixonei e resolvi entrar.

Como você conheceu a linha quimbanda? Foi um chamado para desenvolver uma determinada entidade.

De qual orixá você é filho? Xangô!

Quais são suas entidades de quimbanda? Zé Pelintra e Maria Mulambo!

Qual sua opinião sobre seu irmão de terreiro receber uma entidade do gênero oposto? Cada pessoa tem um chamada para desenvolver uma determinada entidade, cada pessoa tem um momento para trabalhar com uma determinada entidade, tem uma palavra a dizer, não vejo nada de mais.

Como é essa situação pra você, você receberia ou recebe uma entidade do gênero oposto ao seu? Recebo Maria Mulambo e não tenho problema quanto a isso.

O que você acha sobre homens que se caracterizam com roupas (saias com armação, maquiagem e outros acessórios) para suas entidades? É uma forma de agradar a própria entidade que ele carrega, da mesma forma que a mulher também se caracteriza, tanto para entidades masculinas, porque não é o gênero que define a entidade a ser trabalhada, não vejo problema também.

Apêndice G - Entrevista realizada com praticante pronto em linhas de quimbanda ou batuque e que não tem sua própria casa - IANSÃ

Quanto tempo tem como praticante da religião de matriz africana? De 10 (dez) para 11 (onze) anos!

O que é religião de matriz africana para você? É uma parte indispensável da minha vida hoje em dia, eu não sei viver sem ela porque me dá sustento, me dá tudo que eu preciso para estar aqui.

Como você conheceu a linha de batuque? Eu conheci através da minha primeira mãe de santo.

Como você conheceu a linha quimbanda? Através da minha primeira mãe de santo também.

De qual orixá você é filho(a)? Iansã.

Quais são suas entidades de quimbanda? Rosa Vermelha e Tranca Rua.

Qual sua opinião sobre seu irmão de terreiro receber uma entidade do gênero oposto? Eu acho que é normal, porque o gênero não quer dizer nada, a entidade tem que trabalhar e todos os médiuns, tanto de quimbanda quanto de batuque, como todas religiões de matriz africana terem um casal e é normal tu receber o teu casal.

Como é essa situação pra você, você receberia ou recebe uma entidade do gênero oposto ao seu? Receberia, claro!

O que você acha sobre homens que se caracterizam com roupas (saias com armação, maquiagem e outros acessórios) para suas entidades? Não acho nada de mais porque assim como o homem se caracteriza para a sua pomba gira por exemplo, a mulher se caracteriza para o exú. Ela bota calça, ela usa terno, eu acho que não tem diferença e não deveria ter um preconceito quanto a isso.

Apêndice H - Entrevista realizada com pai de santo - BARÁ

Quanto tempo você tem de praticante da religião de matriz africana? 24 (vinte e quatro) anos!

E o que é a religião de matriz africana para você? Religião de matriz africana são o que nossos ancestrais trouxeram para nós uma crença, ritos que a gente leva agora, adiante conforme os nossos, nosso, nosso futuro.

De qual orixá você é filho(a)? Bará e Oxum.

Quais são suas entidades de quimbanda? Maria Padilha e Tiriri.

O que é ser pai ou mãe-de-santo pra ti dentro do terreiro? E como ocorreu o processo da descoberta que tu poderia ser pai de santo? Na verdade eu trago isso como uma herança sanguínea! Não foi algo que eu escolhi, foi algo que foi escolhido. Eu tinha 10 anos quando eu tive a primeira manifestação. E aí de lá para cá, enquanto não me sustentava, não me governava, minha família era evangélica. Como era de outra religião oposta não aceitava. Depois com tempo quando eu tinha 16 anos, alguém da minha família me levou, pois as manifestações não acabavam. Não, elas continuavam mesmo sendo praticante de outra religião sendo batizado em outra região!

Agora a pergunta que eu tenho é para as pessoas que são leigas nesse assunto, gostaria de saber se tu pode explicar um pouco, como funciona a linha de batuque? Batuque, batuque vem já de muito tempo, acabou se abordando a muito tempo atrás pelos escravos na vinda deles, né no Rio Grande do Sul e o batuque cultua a ancestralidade e os orixás africanos. Então cada lado que a gente tem, cada rito que a gente tem, um lado da África tanto que nós temos vários lados dentro do nosso batuque, Cabinda, Oyo, Jeje, Nagô. Esses são vários lados da África, então a gente cultua o orixá africano que foi trazido para o Brasil.

E a mesma pergunta em relação a Quimbanda? É algo que a gente acredita que seja brasileiro, que são entidades e que trabalham no lado de esquerda e que estão entre nós para, para poder ganhar luz e que foram pessoas muito fortes e com histórias muito fortes que acabaram vindo para cá. E acabou a Quimbanda nascendo dentro da própria Umbanda. A Quimbanda é algo muito próximo do ser humano.

E como você compreende a questão de gênero entidade com o gênero do médium? Tu acredita que ocorre uma resistência do médium para com o gênero oposto? Pelo oposto eu acredito que sim! Eu tenho até dentro da minha casa essa resistência de não receber o oposto de não ter o oposto. Eu acredito que isso deve ser doutrinado, mas existe sim!

Em relação a um filho de santo não aceitar uma entidade do gênero oposto como tu lida com esta situação, qual seria o modo certo de agir? Primeiramente, cada casa tem as suas regras, cada casa tem as normas a sua condução, dentro da minha casa também tem e com certeza eu iria lidar com a forma com a veracidade. A gente não pede para a gente ser de orixá, a gente não pede para ser de tal entidade essas entidades elas nos escolhem e a gente acaba sendo é um praticante delas para também a nossa no nosso desenvolvimento na terra sobre o nosso espírito também, porque somos um espírito evolutivo que também estamos aqui, pois existe sim esse oposto de verdades de querer porque nós seres humanos pensamos, temos o livre arbítrio de ir e vir, mas cada casa lida com o seu rito e o meu rito é ser o que é não inventar e nem querer ter algo que não seja seu.

As perguntas são mais ou menos interligadas umas nas outras, mas quando um praticante não aceita sua entidade por ser do gênero oposto. Qual a orientação que você dá para ele? A orientação é ele mesmo ser doutrinado a orientação também é, nós como somos adeptos da religião, a gente ama o que a gente faz a gente ama o que a gente cultua, então isso já não há um amor espiritual, não há um amor no que tu vai praticar, eu acredito que eu vou conduzir ao certo e não vou fazer o errado, não vou trocar o que é certo por ser do gênero oposto ou não e também não vou desfazer aquilo que é. A gente assim como é livre, a gente também é livre para as nossas opções se eu não acredito que o lado espírito vá Influência na sexualidade nas vontades ou no querer, isso cabe a nós, pois nós somos seres humanos, nós temos a nossa vida. Nossa mente conduz nossa vida, então eu não acredito com isso de querer não ter algo para não mexer com a parte mental. Não acredito nisso.

Só mais duas perguntas! Então todas as perguntas são mais ou menos interligadas. Então como o senhor reage quando um filho ou algum praticante aborda a questão de não receber uma entidade do gênero oposto porque talvez possa interferir na sua orientação sexual? Como eu disse: acredito que já no não querer pelo ato, já a pessoa que ela mesmo se duvida da sua própria sexualidade, não acredito nisso também não cultuo isso, não gosto que ninguém nenhum dos meus filhos tenho até que alguém leigo ou alguém que chegue de outra casa que possa ter esse tipo de opinião porque hoje em dia na época que a gente tá as pessoas elas são às vezes muito machista ou elas tem um preconceito. Nós da religião já vivemos o preconceito. EU, eu não acredito nisso, eu acredito que nós temos a nossa sexualidade e entidade vai vir influenciar nisso. Cada um faz aquilo que quer.

Então para finalizarmos uma última pergunta. O que você acha sobre homens e mulheres que se caracterizam com roupa saia de armação, maquiagem e outros acessórios para receber suas entidades? Cara, na verdade, olha, eu também sou adepto disso, mas isso é uma vaidade do ser

humano. Quando eu comecei em nenhum momento eu tinha e essa exposição desta caracterização, isso é a gente se caracterizando eles, não que eles precisam disso, não há necessidade disso, isso aí eu também sei lá dentro do meu eu, mas hoje em dia a gente vive em algo público a gente somos pessoas públicas, vivemos com essa parte da mídia e o que acontece, a gente por viver, por ter essa parte pública Caracteriza-se sobre eles como se a gente imagina se eles mas na verdade não há necessidade de nada disso.

Então aqui eu finalizo as questões e obrigado pela participação. Um bom axé.

Apêndice I - Entrevista realizada com pai de santo - OSSANHA

Quanto tempo tem como praticante da religião de matriz africana? A minha primeira obrigação que foi feita no santo, eu tinha três meses de nascida, que foi Para Oxalá, uma segurança de vida, aí a gente conta como 25 anos de idade, que eu tenho 25 anos, de obrigação. Mas praticando a religião fazem 12 anos que eu pratico que eu entrei e comecei da iniciação na minha na minha África.

E o que é a religião de matriz africana? Ancestralidade, aqueles que vieram antes da gente que lutaram por toda a liberdade que hoje a gente tem que a gente traz no batuque, para rua, pro povo, para as pessoas que não conhecem. Então eu acho que é uma ancestralidade, vem do passado.

E como é seu pai de santo do terreiro? Quando ocorreu essa descoberta? Ser pai de santo ou mãe de santo é ter uma responsabilidade grande né. É bom mas é uma responsabilidade onde tu lida com muita personalidade, com muitas formas de pensar, com várias opiniões, várias vontades e eu descobri essa descoberta, ocorreu para mim eu nem esperava, eu não esperava isso daí simplesmente aconteceu começaram a me cobrar me cobrar e eu fazia alguns jogos de búzios com pais de santos e eles me diziam que eu tinha essa missão para seguir e até o me dar conta disso daí eu passei por bastante coisa.

E como você entende essa parte da linha do Batuque? Como que eu entendo? Sim! o que é o batuque pra ti? Pois é, foi o que eu falei né! batuque é ancestralidade é o passado né, é uma luta é uma luta aqui aqueles que vieram antes da gente lutaram, trouxeram os seus cultos as suas histórias e tudo foi passando e como vai passando de geração para geração né é os orixás e a natureza é tudo aquilo que é livre e ninguém consegue prender, o que eu entendo de batuque? o batuque é uma força é uma união é uma junção de todas as raças de todas as cores, de todas as formas de pensar, de todas as formas de agir, de todas as opções. O batuque é uma união entre tudo, entre o ser humano, o espiritual e a natureza.

E como você compreende a Linha de quimbanda? A quimbanda é um culto né! Um culto do passado também de várias histórias, de vários momentos que foram passando de geração para geração e que se a gente for falar de quimbanda a gente vai entrar no assunto, mais extenso, porque a quimbanda dependendo de casa, dependendo de lado, dependendo de fora de culto, ela tem um surgimento ela tem uma raiz, ela tem da onde ela veio, né! A gente aqui mesmo, pra gente a nossa quimbanda ela nasceu na Bahia com a primeira manifestação de uma pomba gira chamada Maria Padilha. E aí se vai. E daí começou a se da extensão da Quimbanda, né! Mas hoje em dia tem

várias formas, tem várias histórias que o espiritual também já abordou, já contou, já trouxe para a gente dá onde que veio a quimbanda, daí vai muito da raiz da onde saiu.

Tu poderia falar um pouco pra gente sobre teus orixás? e suas entidades de quimbanda? Meus orixás de nação do Batuque que a gente escuta o batuque do Sul, Nação Cabinda com Oyo. Meus orixás cabeça, meu eledá, meu ori é de Ossanha, o meu corpo de Oxum Demum, a minha passagem é Xapanã e meu Bará de vida é Bará Adague.

Na linha de Quimbanda, eu sou de Maria Mulambo a pomba gira e Exu sete encruzilhada, sendo que o meu cabecilla o que toma a frente e Rege e o 7 Encruzilhadas.

E como tu compreende a questão do gênero entidade com gênero no médium, tu acredita que tem essa resistência do médium com gênero oposto? Da função do gênero do médium com a função do gênero da entidade? assim sim, isso é o que mais tem dentro do terreno, né? É o que mais acontece, mas tudo vai dar explicação do mentor espiritual e deixar é um certo preconceito que tem né! Porque se a pessoa é do gênero masculino entidade do gênero feminino, a gente tá no trabalho e no processo espiritual. Onde a carne está trabalhando encostada com espiritual, né! Então ali é um trabalho espiritual, não quer dizer que aquele espírito vai interferir na opção sexual, isso nem um pai-de-santo nem a mãe-de-santo consegue mudar do dia pra noite, esse é um trabalho que o tempo vai mostrar um desenvolvimento que se faz com a entidade e o desenvolvimento que se faz com o médium, para abrir essa liberdade dá espaço de liberdade para ele querer trabalhar.

E no caso de um filho da tua casa ter resistência com entidade do gênero oposto? Como tu lida com essa questão? Qual forma que tu conversa com ele? Qual seria o seu modo de agir? Eu não converso na frente de filho, eu não converso na frente de ninguém, lá dentro da minha casa religiosa cada conversa que se tem com filho de santo é tudo particularmente, né! Sendo que às vezes eu tenho a mesma conversa com todos, mas eu acredito que só deve ser entre o pai e o filho, para que não tenha opiniões alheias ali de pessoas que não tenham uma experiência o suficiente para poder falar ou para poder guiar e foi o que eu falei agora a traz, essa função aí da sexualidade de um e de outro e como eu lido na minha casa, eu dou um certo tempo e digo: todo homem tem sua mulher e toda mulher tem o seu homem. Uma hora e outra eu não vou brigar que essa entidade feminina se manifeste no meu filho, mas ele entrou ciente que em algum momento em que ela vai se fazer no corpo dele presente na hora certa, mas que isso não vai interferir na vida dele de forma nenhuma, momento que ele tiver preparada para poder receber essa entidade para poder trabalhar com essa entidade. Então é tudo uma questão de desenvolvimento da pessoa.

Qual tua opinião sobre pessoas receberem entidades do gênero oposto? Nenhum problema, não tem problema nenhum, eu acho que foi como eu falei: um homem precisa de uma mulher e uma mulher precisa de um homem. Eu acho que se o Pedro ele é homem e ele trabalha com a pomba gira, ele vai continuar sendo Pedro a Maria trabalha como João ela vai continuar sendo a Maria. Então para mim dentro da minha casa não há problema nenhum, porque um pai precisa ter uma mulher para ser uma mãe e uma mãe precisa de um pai para poder dar frutos e é a mesma coisa na Quimbanda o homem precisa da mulher e a mulher do homem para poder dar o fruto daquilo ali, um homem com homem não vou conseguir trabalhar e dá fazer uma boa plantação, para que possa ter bons frutos, um precisa da energia do outro para poder fluir algo na vida da pessoa.

E a gente vê que mesmo assim existe muita resistência de um médium dentro da dentro da casa, né? Mas quando um praticante não aceita trabalhar com uma entidade do gênero oposto. Quais são as orientações que você dá para ele? As obrigações elas continuam né! Ele cultuando o exú e a pomba gira. Só que não há incorporação por não querer daquele médium, mas mesmo assim ele não deixa de agradar e tá agradando aquele espírito no espiritual não na matéria incorporado.

E quando o praticante não aceita identidade do gênero oposto porque acha que pode interferir na sua sexualidade? Foi como eu falei né! A gente cultua aquilo que se tem sem ter a manifestação, mas isso tudo é uma questão de explicar porque eu acredito que todo mundo tem a capacidade de entender e interpretar as coisas. Às vezes a gente pega uma pessoa assim, mas ela já, a gente tem que entender que ela já passou por outros lugares onde tudo era muito muito oprimido né! Muito que homem não poderia ter mulher e mulher não poderia pegar homem e é tudo à base de uma explicação de uma conversa.

Para a gente finalizar essa entrevista esse questionário. Gostaria de fazer uma última pergunta? O que é que tu acha sobre homens e mulheres se caracterizarem com roupa saia de armação e maquiagem e outros acessórios para receberem suas entidades? Eu acredito que a entidade feminina quando vem no corpo de um homem, ela não se necessita de uma saia, de uma saia de armação, de um corpete, de um corselet, de uma maquiagem, de uma peruca, né! Mas eu acredito que ela traz na incorporação essa essência feminina, se aquele médium, ele está disposto a trabalhar, ele se entregou de coração, ele se entregou de corpo e alma para aquela entidade, né! E aquela entidade na vida daquela pessoa dá resposta, dá o caminho e principalmente a satisfação de ter uma vida completa, eu acho que nada melhor que a gente agradar aqueles que estão nos dando, foi o que aconteceu comigo. Eu a muito tempo atrás, eu não aceitava colocar um corpete uma saia de armação e nenhuma maquiagem não colocava. Foi muitas vezes repreendido, suspenso de

sessão de desenvolvimento, por não querer isso. Até o momento que eu aceitei e comecei a ver com outros olhos então se a entidade está te dando tá te dando condições, com certeza não tem problema nenhum daquele filho colocar uma saia, aquele filho fazer uma maquiagem e abrilhantar mais aquele espírito que tá trabalhando naquele corpo, né! Não que seja brilho, seja uma forma de Exposição daquela entidade, o aparecimento, porque eu acho que a prova maior da identidade na vida das pessoas, o seu serviço, o seu emprego e principalmente a sua saúde bem. Então o que tu dê para aquela entidade, nada mais é que merecimento, porque ela já está dando o caminho, ela já tá dando a direção, então para mim não tem problema!

Bom, aqui terminam as questões não sei se tu tem mais alguma coisa para acrescentar? Não! Então mais uma vez, te agradeço pela participação. Obrigado!